

Iolanda Catarina Alexandre Maia Rocha

Vazio e a Requalificação Urbana

Proposta para um terreno expectante em Belém

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Comunicação, Arquitectura, Artes e Tecnologias da Informação

Lisboa

2018

Iolanda Catarina Alexandre Maia Rocha

Vazio e a Requalificação Urbana

Proposta para um terreno expectante em Belém

Dissertação apresentada defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 2 de Outubro de 2018, perante o júri, nomeado pelo despacho, nº 261/2018, de Julho, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Pedro Carlos Bobone Ressano Garcia;

Arguente: Prof. Doutor Vasco Maria Tavela de Sousa Santos Pinheiro;

Orientador: Prof. Doutor João Filipe Ribeiro Borges da Cunha;

Vogal: Prof. Doutora Maria Luísa Alves de Paiva Meneses de Sequeira

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Comunicação, Arquitectura, Artes e Tecnologias da Informação

Lisboa

2018

OBRIGADO a todos...

Resumo

A preocupação com as cidades e o seu desenvolvimento tem sido um tema crescente, a importância de promover novas iniciativas que contribuam para a afirmação desta questão tornando a cidade e o seu tecido urbano mais coeso, atractivo, equilibrado e sustentável, surge assim um novo olhar para a cidade e para a requalificação dos seus espaços, dando a arquitectura um papel importante nesta discussão, através do estudo e investigação dos conceitos de espaço urbano, arquitectura urbana, espaços verdes na cidade. Esta dissertação pretende dar um contributo para uma melhor compreensão desta problemática, para tal a compreensão de que a requalificação urbana visa um melhoramento do espaço publico através da melhoria na qualidade de ambiente e de vida nas cidades, em diferente articulação e integração de diversas componentes como a habitação, a cultura, a coesão social e a mobilidade, é um factor decisivo. Em conclusão, esta investigação comporta a elaboração de uma proposta para um espaço urbano devoluto e abandonado, usando a requalificação urbana como estratégia para a resolução das problemáticas associadas ao local.

Palavras-chave: tecido urbano; requalificação; vazios; espaços verdes

Abstract

The concern with cities and their development has been a growing theme, the importance of promoting new initiatives that contribute to the affirmation of this issue making the city and its urban fabric more cohesive, attractive, balanced and sustainable, so a new look arises to the city and to the requalification of its spaces, giving the architecture an important role in this discussion, through the study and research of the concepts of urban space, urban architecture, green spaces in the city, this dissertation aims at contributing to a better understanding of the even to this end, the acknowledgment that the urban requalification aims at improving the public space by enhancing the quality of the environment and living in cities, in different articulation and integration with various components such as housing, culture, social cohesion and mobility . In conclusion to this investigation there will be a proposal for a vacant and abandoned urban space, using the urban requalification as a strategy to solve the problems associated to the place.

Keywords: urban fabric; requalification; empty; green spaces

Índice

Agradecimentos

Resumo

Abstract

Introdução 5

1 Quadro teórico: Conceitos e Termologias

1.1 Vazios Urbanos; 8

1.2 *Terrain Vague*; 12

1.3 Relação cheio/vazio; 13

1.4 Lugar antropológico. 15

2 Requalificação urbana;

2.1 A Cidade na perspectiva das vivências; 18

2.2 Espaço Público como lugar de vida urbana e palco da história; 20

2.3 Papel do espaço verde no tecido urbano. 23

3 Local de estudo

3.1 Justificativa; 25

3.2 Momentos significativos; 26

3.3 Vida continuada, depoimento individual; 33

3.4 Morfologia e caracterização, 36

4 Proposta

4.1 Plaza Tetuan; 46

4.2 San Martin de la mar square. 48

4.3 O local 51

4.4 Objectivo de estratégia urbana 52

5 Considerações Finais 63

Bibliografia 65

Apêndices 69

Introdução

Vazios urbanos, a problemática que é abordada nesta dissertação, são locais que na sua maioria têm uma conotação negativa dentro do tecido urbano, sendo caracterizados como espaços de incerteza, de quebra de continuidade. Esta é uma problemática que vem sendo estudada e com uma necessidade imensa de resolução como se de uma patologia que carece de uma terapêutica. Pois a vivência e as experiências que os espaços públicos da cidade proporcionam estão em mudança, a preocupação com este aspecto é cada vez mais acentuada. A cidade como espaço está a atravessar uma época de mudança, o seu tecido urbano e o seu desenho e organização ganham uma preocupação crescente.

O estudo desta problemática tem a sua origem no período de Revolução Industrial, ou seja, com o fenómeno da “desindustrialização”, muitos dos espaços reservados a tal função ficaram abandonados, devolutos, entregues à degradação própria do passar do tempo e sem qualquer manutenção. Lugares esses que foram sendo caracterizados pelo lado marginal, ilegal da cidade, tornando-se assim palco de decadência social, sendo então pouco apetecíveis, pouco creditados no espaço sócio-urbano. Falamos de espaços edificados ou não. Aqui surge alguma divergência entre autores, diferentes aspectos caracterizantes do *vazio urbano*. Ainda com este aspecto de divergência, onde os conceitos variam consoante a visão de cada autor, mas tendo de percorrer conceitos como o *Terrian Vague* que nasce pelas mãos de Ignasis de Solá-Morales, este conceito é primordial no estudo desta problemática: perceber a relação do vazio/ cheio é também importante para este estudo, de que maneiras se completam, o espaço positivo/negativo em termos de ocupação do território. Mas em comum todos os estudo seguem o caminho de dar ânimo e exibir o quão estas áreas podem ser uma mais-valia para o desenvolvimento da cidade e do seu tecido urbano, como organizador, e como proporcionador de vivências e relações na sociedade.

A escolha do tema remete para uma curiosidade e uma motivação de perceber, de poder fazer mais, por um local que já de si tem uma negatividade associada, como o *vazio urbano*. A minha percepção de que estes espaços têm algo a oferecer, fez com que o interesse pelo tema fosse crescente. Este estudo tem como objectivo dar um contributo para esta discussão, para que assim se possa debater e lembrar que estes espaços existem e são um manancial de possibilidades para a cidade e a reorganização e desenvolvimento do seu desenho urbano.

Para a percepção de conceitos e terminologias, a abordagem a autores importantes à compreensão do estudo foi essencial. Neste momento, temos autores como Solá Morales, que inspira e nos dá um conhecimento de conceitos como *Terrain Vague*, Jean Labasse que inicia o entendimento, e definição de *Vazio Urbano* e de como esse fenómeno aparece, e não menos importante e como complementação o Lugar Antropológico de Marc Augé. Autores ainda como Fernando Távora e o seu contributo para a compressão de espaço, do cheio/vazio, referindo-se autores também mencionados na dissertação, mas não podendo esquecer outros que mesmo não referidos, o conhecimento das suas ideias foi um contributo para o estudo. Outra fonte de informação passa pela leitura de Dissertações de Mestrado, que são uma ajuda, artigos, e revistas são igualmente preciosos, e pudemos perceber que assim se trata de um tema com tradição e consolidado nos assuntos “arquitectónicos”, e por isso a facilidade em encontrar informação auxiliou também no entendimento e assimilação do tema.

Hoje em dia, a Internet é um manancial de oportunidades e informação uma mais-valia para adquirir conhecimento de forma instantânea, e traz-nos uma compreensão rápida de um qualquer assunto, onde podemos percorrer várias valências e disciplinas relacionando um mesmo tema. E por isso foi uma ferramenta importante para esta dissertação, para além de outros recursos materiais como por exemplo o livro impressos, imagens entre outros.

A metodologia desta dissertação assenta em investigação da problemática, através da revisão literatura sobre o assunto, no trabalho de campo na fase de entendimento e análise do local, onde a permanência e deslocação, foi a forma encontrada para a criação de uma ideia, à exposição com as pessoas que ali habitam foi fundamental para apelar às memórias, e perceber o futuro e as necessidades do local; e para isso contamos com um testemunho essencial a D. Adelaide Duarte que proporcionou o conhecimento de local pelo aspecto mais social, humano e pessoal O estudo e análise de projectos *do European Prize for Urban Public Space*, que nos dá uma boa fonte de estudo. Outros aspectos disciplinares foram abordados e pensados como a antropologia para o estudo do ser humano, o design gráfico, para elaboração de gráficos e diagramas, geografia como disciplina na base do estudo do terreno e da sua forma, a arquitectura paisagística para uma melhor percepção do espaço verde, fazendo deste estudo com base multidisciplinar e interdisciplinar.

A organização da dissertação divide-se em quatro partes, um primeiro capítulo revela a problemática e o estudo da mesma, um quadro temático onde a compreensão de conceitos e terminologias estão na base correspondente.

Um segundo capítulo prende-se com a estratégias para a resolução da problemática anterior, e o estudo respectivo para prosseguir para o ponto seguinte com uma estratégia consolidada, e assente em conceitos e referências de base.

O terceiro ponto incide no estudo do local, como o conhecimento das suas características físicas e morfológicas com a análise do reticulado, jurídico a partir do PDM, análise de plantas de condicionantes, e cartas. Outro aspecto abordado foi a evolução da freguesia pelo estudo do seu carácter histórico, épocas e datas importantes, para além destes factos históricos, a percepção de alguém que lá habita e vive na área há 74 anos, deu também um aspecto relacionado com a memória, contado na primeira pessoa, que nos trouxe como anteriormente referido, uma riqueza social, humano e pessoal.

Por fim o último capítulo é o culminar do estudo com uma proposta que visa pôr em prática a melhor estratégia para a resolução de uma problemática, segundo os pontos anteriores e em jeito de conclusão para esta investigação.

1 Quadro teórico: Conceitos e Terminologias

1.1 Vazios Urbanos

Este conceito surge inicialmente proposta por Jean Labasse em 1966, mais concretamente com o termo "*Friches Sociales*", ou seja, *vazios sociais* ligados ao fenómeno da desindustrialização,

Segundo a definição do Service Technique de l'Urbanisme (STU), o conceito "friches", mais precisamente de "friches industrielles," é utilizado geralmente para designar, um espaço, construído ou não, desocupado ou sem utilização; antes ocupado por actividades industriais ou outras actividades ligadas à indústria (Mendonça, 2001: s/p).

Como podemos perceber a origem deste estudo pode dizer-se que começa com a Revolução Industrial e ela dará origem a vazios outrora cheios, isto é, vazios desprovidos de qualquer função, assim provocado o abandono e degradação natural dos espaços. O vazio por assim dizer entende-se não pela actividade industrial mas pela falta da mesma, «pelos empreendimentos que um dia foram desactivadas, sofreram a acção do tempo e, com a consequente degradação natural, transformaram-se em zonas consideradas mortas», (Menenguello, 2009: 129). Contudo, as cidades afectadas por este fenómeno de crise industrial, e económica, mais precisamente regiões e subúrbios industriais, desencadearam uma estratégia para reverter a situação utilizando estudos de planeamento e acções governamentais, alterando, assim, o funcionamento, e o desenvolvimento original das cidades.

E assim se torna um fenómeno a ser discutido entre o urbanismo e a arquitectura, ou seja, entre a escala da cidade e a escala do edificado. Mais tarde este conceito sofre algumas discordâncias e a sua terminologia ganha novos nomes e contornos. Podemos então ter vários outros termos como por exemplo: *Terrain Vague*, *Brownfields*¹, *Não-lugares*, *Death Zone*. Designações comuns que definem espaços esquecidos, fragmentados, desprovidos de qualquer identidade. Estes locais estão muitas vezes inseridos em pontos da cidade, como por exemplo frentes ribeirinhas, um fenómeno que pudemos observar na cidade de Lisboa durante longo tempo.

São considerados vazios, zonas portuárias abandonadas, locais fechados de mineração ou áreas industriais, bairros abandonados, terrenos baldios, espaços à margem de estradas ou debaixo de pontes, ou seja, lugares aparentemente, sem qualidades e incaracterísticos e sem uso.

¹ Designação que surgiu nos Estados Unidos da América numa investigação dirigida pela *Northeast Midwest Congressional Coalition*.

Como consequência destes locais podemos observar problemáticas sociais: trata-se de locais de rejeição urbana muitas vezes ligados à marginalidade, à delinquência e a práticas ilegais, «um problema social, de mau aproveitamento do capital investido e de desprezo do património construído. Constitui um crime ambiental, já que esses deixam de usar uma infra-estrutura projectada e calculada para sua plena utilização, fazendo a cidade buscar novos terrenos» (Meneguello, 2009: 130).

Mais tarde em meados no Séc. XX, a designação de *Vazio Urbano*, segundo Andrea Bourde é consequência dos pós- industrialização e do crescimento da cidade devido ao êxodo rural em que a cidade toma outras proporções em razão do seu crescimento físico e populacional. É aqui que o conceito acarreta algumas ambiguidades em relação à definição de um *Vazio Urbano*, onde, «vazios não são somente áreas sem edificação no espaço urbano, mas também, áreas construídas, que apesar de ter uma ocupação física na cidade, não possuem utilização, são edifícios abandonados» (Karyne, 2016: 05).

Os *espaços vazios* estão presentes numa cidade de diferentes maneiras como por exemplo pela própria constituição e evolução da cidade ao falarmos de ruas, quarteirões, espaços internos de quarteirões, a isto podem chamar vazios necessários. Ou vazios no sentido de desdém e desvalorização, muitas vezes tratados como excedentários do espaço urbano. Nesta ambiguidade de designação do conceito de vazio temos ideais, onde apenas são considerados só os vazios sem edificação, ou «terrenos ou edificações não utilizados, subutilizados, desocupados, ou desestabilizados, localizados em terrenos infra-estruturados e que passaram ou estão a passar um processo de esvaziamento» (Borde 2006: 34).

Para a sociedade, estes espaços acarretam consigo um sentimento de repulsa, e desconforto, prendendo-se ao facto de serem silenciosos, com pouca penetração de luz, com insignificância de movimentação de pessoas ou transportes. Segundo Pedro Janeiro estes espaços são *bolsas vazias* na cidade, áreas destruídas, onde aquilo que acontecia já não acontece, ou onde ali nunca nada aconteceu. Outros autores pendem-se a outras convicções como por exemplo Solá-Morales, que assenta a sua ideia no seguinte termo de *Vague*, anteriormente referido, como um espaço vazio mas, «livre, disponível, descomprometido (...) vazio, portanto, como ausência, mas também como promessa, como encontro, como espaço de possibilidade, expectativa» (Solá-Morales, 2012: 127).

Tornando-se assim lugares de oportunidades para revitalização da cidade, uma hipótese de estabelecer relações. Como podemos perceber a ambiguidade na definição de vazio entre os vários autores que estudam e estudaram este conceito, não se colocou na oportunidade que eles trazem à cidade, ao seu desenvolvimento e revitalização, antes pelo contrário.

Concluindo-se que é fundamental ter em conta todas as perspectivas, quando o assunto é vazios, podendo ser vazios obsoletos envolvidos em incerteza, desajustado ao espaço onde se inserem, ou olhando para estes lugares como uma oportunidade de reestruturação e desenvolvimento da cidade, uma vez livres para uma requalificação com sentido de os enquadrar na cidade fazendo deles parte integrante. Ajudando na criação de uma relação entre a sociedade e eles mesmos.

É então que o papel da Arquitectura e do arquitecto neste sentido é definido, como citado por José Teixeira, «um dos traços definidores da arquitectura é a ocupação do espaço» (Teixeira, 1997: 49). Com isto podemos dizer ainda, mais uma vez citando por igual autor, «[a] partir do momento que possuem uma utilização, passa a ser uma arquitectura, a ter um significado para o espaço em que se está inserido, a ser um espaço cheio de utilização e preenchimento» (Teixeira, 1979: 49). Mostrando assim que a arquitectura pode fazer a diferença, e desde de que tenha uma utilização, um uso, passa a ser arquitectura. Assim Juhani Pallasmaa tem como parecer independentemente de ser edificado ou vazio é tido como arquitectura logo que há experimentação de emoção, sensação do habitante da cidade, concluindo-se que arquitectura é a ocupação do espaço seja ele física ou de uso.



Imagens de representação de vazio urbano, disponíveis em: <http://photodoc.h.p.f.unblog.fr/files/2006/07/DSCF4208.jpg> e https://blogs.mediapart.fr/c-est-nabum/blog/220515/terrain-vague-ou-le-dernier-espace-du-jeu-libre?utm_campaign=2789073&utm_medium=email&utm_source=Emailvision

É então função do arquitecto interpretar este conceito e definir estratégias que possibilitem a continuidade do tecido urbano. «Os vazios urbanos só aparentemente são inúteis», (Janeiro, 2007: 10).

Para uma melhor compreensão fazemos a divisão em três categorias conceptuais, Espaço construído; Espaço económico; Espaço social.

Espaço Construído - Este conceito é o mais comum e o fenómeno mais observado na malha urbana, tendo na sua origem variados acontecimentos. Mais concretamente, falamos de espaços onde a ausência de construção é definidora no sentido de vazio na/da cidade. Este aspecto é uma das provas de indecisão na definição do conceito de *vazio urbano*, ou seja, falamos do facto de se considerar vazios urbanos somente espaços degradados e obsoletos, sendo uma abordagem negativa. Para a resolução de tal problemática a estratégia implementada por algumas cidades passa por “esvaziar”, querendo isto dizer implementação de espaço na malha urbana de modo a criar vazios propositados que constituam espaços públicos, como por exemplo ruas, espaços verdes, infra-estruturas voltadas para servir a comunidade, em suma espaço público.

Espaço Económico – Vazios Industriais, aqui regressamos à origem do estudo deste conceito, onde predominam as áreas desindustrializadas: falamos de antigas fábricas, antigas linhas ferroviárias, portos, locais que sofrem naturalmente os sinais do tempo e do abandono tornando-as degradadas e obsoletas. A escala urbana ganha outros contornos uma vez que estamos a falar de grandes infra-estruturas construídas. A referência ao vazio neste caso, prende-se à ausência de usos, “vazio de funções”.

Espaços Sociais – Neste ponto, a referência ao *vazio* passa pelo abandono de áreas urbanas densamente construídas, que consequentemente fora desertificada, estando a origem deste fenómeno ligado a aspectos como o êxodo rural, deixando assim para trás um rasto de abandono e ruínas no tecido urbano. Este acontecimento é mais vulgar nas periferias e zonas rurais, podemos então defini-lo como “Vazio Demográfico”.

Podemos ainda subdividir mais estes conceitos, sem que tenham de estar directamente relacionados com qualquer um dos termos acima definidos, em que podemos distribuir consoante a sua capacidade de modificar a cidade, ou seja relacioná-los em termos adaptativos ou estruturais, em que os adaptativos se referem a elementos com flexibilidade e capacidade de adaptação na criação de múltiplos usos, assim adaptando-se a novas necessidades. O Outro termo prende-se com o factor estruturante, onde estes elementos podem fazer a diferença dando hipóteses a novos equipamentos e estruturas que visam renovar e revitalizar a cidade.

Os projectos associados a estes *vazios urbanos* prendem-se ainda com dois aspectos, tais como, um carácter efémero, podendo ser temporário ou não, ou seja, seguindo a linha de raciocínio da estabilidade, pode tratar-se de um projecto que possibilite a criação de um uso transitório ou não. Sendo o outro relacionado com o sentido contemporâneo/actual, onde seja proporcionada a reinvenção e requalificação físico-social das cidades.

É a partir do conhecimento e de uma melhor compreensão deste conceito que o projecto vai ser informado por uma reflexão, podendo perceber um pouco mais o que são vazios urbanos como os qualificamos, de maneira a identificar qual a designação do espaço a ser projectado. Seguindo estas premissas e tendo em conta toda esta aprendizagem, no momento de resolver problemáticas associadas ao local e designar estratégias para a execução do projecto final.

1.2 *Terrain Vague*

O termo *Terrain Vague* surge pelas mãos de Solá Morales, o autor expressa através deste termo uma definição própria para vazios urbanos, que define como espaços vagos, obsoletos e incertos, que por sua vez fazem dos mesmos lugares desabitados, inseguros e que alimentam uma imagem negativa, mas não querendo isso dizer que são pouco interessantes, uma vez que, conclui, que são lugares, «livre[s], disponív[eis], descomprometido[s] (...) vazio, portanto, como ausência, mas também como promessa, como encontro, como espaço de possibilidade, expectativa.»(Solá-Morales, 2002: 127).

Ou seja, o que o autor explora é a possibilidades que estes vazios acarretam, tendo em si uma oportunidade, e que devem ser analisados como tal, dando maior enfoco às oportunidades do que ao presente, onde eles se encontram, em situações pouco dignas, podemos defini-los como *oportunidades* de revitalização da cidade, e capazes de estabelecer novas relações. Sintetizando o termo, podemos compreendê-lo, dividindo-o e interpretando cada uma das suas palavras: *Terrain*, assume um carácter estritamente urbano, ou seja, define um local, “terreno”, uma extensão de solo, delimitado ou não, edificável. Sendo um espaço físico com uma condição expectante. *Vague*, este termo contém dois sentidos, isto é, vago por estar ausente de qualquer actividade, uso ou ainda vago de impreciso, incerto, ou indefinido, sendo que este último sentido é muito característico da cidade contemporânea: este sentido de incerteza, a ainda a ausência de uso ou actividade atribui-lhe um carácter expectante, logo de possibilidades futuras

Então o termo *Terrain Vague*, como podemos perceber, na essência da questão passa pelas oportunidades e pelo sentimento desafiante que estes espaços proporcionam ao desenho urbano, e é assim que o autor se propõe a analisá-lo, e não só como espaços obsoletos e sem uso, incertos. Segundo Solá- Morales são espaços capazes de criar uma relação com a vida social contemporânea, na forma como se posiciona o indivíduo com o outro, com a cidade e até consigo próprio, estas áreas trazem com eles um sentido de mudança e é com eles que pode desencadear processos de beneficiação do desenho urbano

1.3 Relação cheio/ vazio

Para uma melhor percepção do *vazio*, vamos então proceder ao estudo e compreensão do, que é o seu oposto, os *cheios*, e de que modo eles se complementam na estrutura da cidade.

Segundo Cláudia Sisti, «o espaço vazio existe, só em relação a um espaço cheio», (Sisti, 2007: s/p), sendo assim, o vazio não significa uma total ausência de espaço. O espaço pode qualificar-se entre cheio e vazio, positivo ou negativo, estático ou dinâmico, mas o espaço que se encontra entre o vazio e o cheio podemos apelidar de *interstício urbano*, ou seja, o espaço sobrando não edificado consequente da malha urbana projectada pelos edifícios. Esquematizando para melhor perceber as diferenças.

Espaço Positivo/cheio: a este termo associamos todo o espaço edificado numa malha urbana, com sentido e uso, apresentando-se com a mesma importância urbana com todos os edifícios envolventes. Estes espaços são importantes para o estudo da malha urbana

Espaço Negativo/Vazio: definem-se como espaços vazios ou negativos todas as áreas resultantes da área construída, que nada vêm acrescentar à sua envolvente, normalmente, estes espaços são áreas disformes, onde a apropriação é difícil, muitas vezes impossível.

Como Fernando Távora menciona, os pontos e linhas geram volumes, volumes esse considerados matéria, que por sua vez constituem o espaço ao qual se dá nome a forma, acrescentando ainda que «o espaço que separa – e liga – as formas é também forma» (Távora, 1982: 24), sugerindo assim que o espaço é definido pelo negativo e positivo originando os dois em união, o *espaço*.

Os cheios e os vazios podem ainda subdividir-se segundo o que papel ocupam na imagem da cidade, diferenciando-se em espaços úteis ou inúteis, isto é, úteis quando trazem consigo a oportunidade de fazer cidade, contribuindo assim para o respectivo desenvolvimento. Os inúteis sendo aqueles que se desintegram da malha e evidenciam a descontinuidade. Ainda segundo Távora, é esta descontinuidade, esta desorganização que configura novas formas de organização do espaço. Este crescimento desordenado provoca uma devastação da paisagem urbana deixando para trás um rasto de desordem, como consequência, a incapacidade de ligação de grande extensões de cidade, sem a capacidade de estabelecer uma relação, afectando assim a possibilidade de desenvolver valores, e significados, quando o seu destino seria a capacidade de enriquecer o *espaço*. Um importante ponto a retirar desta interpretação é que é essencial respeitar o espaço, uma vez que, «o que hoje era espaço vivo pode ser amanhã espaço morto». (Távora, 1982: 39).

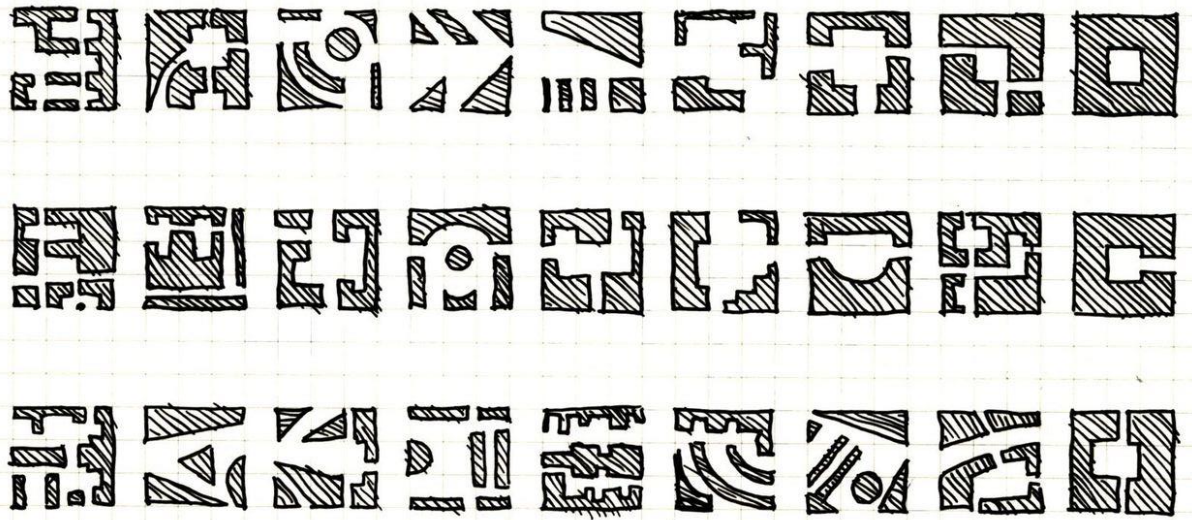


Imagem ilustrativa de cheio/vazio, disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/409123947380949803/>

1.4 Lugar Antropológico/ Não-Lugar

Lugar antropológico, conceito que define um lugar como identitário, relacional e histórico, surge pela voz de Marc Augé em 1992 juntamente com o conceito de *Não-Lugar*, que sendo o contrário do outro. Onde o Não-Lugar se define como não identitário, não racional e não histórico. Estes conceitos surgem precisamente na obra *Não-Lugares, Introdução a uma antropologia da supermodernidade*, a noção destes dois conceitos dá-nos a conhecer como as transformações da Cidade Antiga aparentemente de uma forma natural, levam a Cidade Contemporânea, na forma como a vivenciamos nos nossos tempos.

Ou seja, o lugar antropológico identitário, lugar onde nasce o indivíduo, é-o enquanto com ele estabelece uma relação de pertença, daí ser também relacional, por outro lado é também histórico porque se relaciona com a história e como cada indivíduo se relaciona com ela no local.

O lugar antropológico cria uma identidade através de relações interpessoais, num determinado tempo e espaço, fomentando-se numa relação entre a dimensão espacial e a dimensão social. Por sua vez quando a palavra *Lugar* se junta a negação-*Não*-, criando o *Não-Lugar* percebemos que este último é o oposto, remetendo para espaços efémeros e transitórios.

Espaços onde se coexiste ou coabita sem vivermos juntos, onde o estatuto de consumidor ou de passageiro solitário passa por uma relação contratual com a sociedade. Estes Não-Lugares empíricos (...) são característicos do estado de supermodernidade definido por oposição à modernidade.

(Augé, 1994:157)

Assim segundo Augé e o seu conceito de *Não-Lugares*, estes reflectiram os *lugares* de hoje. O próprio autor defende que no sentido de lugar antropológico, vão sendo substituídos por não-lugares, perdendo a sua identidade a sua relacionalidade e a sua história. Esta problemática prende-se com as relações sociais que estão e plena transformação sendo em tudo diferentes do passado.

Um exemplo de um *Não-Lugar* considerado por Augé é o Centro Comercial com o conhecemos hoje em dia, ou seja, um espaço não relacional, caracterizado pelo consumo e excesso de informação, no qual o sentido histórico esta rasurado.

Ainda que diferentes em termos de definição, têm um denominador comum na sua evolução de *Lugar* para *Não-Lugar*: em ambos a relação dos indivíduos que os utilizam, e a sua relação com o espaço, tornando assim a interpretação de *Lugar/Não-Lugar* muito pessoal e individual, pois as percepções e as sensações são diferenciadas. Para tal, contribuem as relações que são desenvolvidas em determinado local, ou seja o Lugar têm uma tendência para relações colectivas, de proximidade social, e como oposto, os Não-Lugares que por sua vez apelam ao individualismo, onde embora frequentados por vários indivíduos ao mesmo tempo essas relações entre eles não se estabelecem; este é o tipo de relação que o autor defende que hoje em dia mais se verifica. As características do espaço público actual passam pela homogeneização onde impera a standardização e o impessoal, que se funde num único adjectivo: o monótono.

Para a actualidade e depois do entendimento dos parágrafos anteriores, podemos definir que se o *Lugar Antropológico* se caracteriza por identidade, relação, e história, o Não-Lugar pode caracterizar-se pelo consumo, circulação e comunicação impessoais. Em suma podemos perceber que a compreensão do autor relativamente aos Lugares, é em si excessiva, ou seja, quando afirma que os *Não-Lugares* não têm relações sociais, elas existem têm é um carácter distinto, uma outra natureza. Características de uma sociedade em mudança, sendo estes espaços que se adaptam á actualidade, lidando com a incerteza, com o temporário e o transitório.

A malha urbana e o seu desenho sempre andaram ligados aos comportamentos sociais, reflectindo-se no espaço publico, ou seja, nos Lugares. Para isso precisamos de compreender que é necessário na sociedade contemporânea, e seu comportamento para uma melhor adaptação e criação dos espaços públicos: *lugares*.

Assim sendo, os lugares contemporâneos são distintos dos lugares Antropológicos, ou seja, estão agregados numa sociedade mais complexa, onde os indivíduos possuem outras aspirações, e a heterogeneidade social contribui para a criação do espaço publico, que se caracteriza por serem distinto dos tradicionais, ainda assim não são distituídos de relações sócias, apenas diferentes e com outras características.

Em suma, este primeiro capítulo traz-nos a relação entre três conceitos, são eles Vazios Urbanos, *Terrain Vague* e Lugares-Antropológicos/ Não-Lugares.

A maneira como eles se relacionam prende-se com a definição de um espaço, ou seja, vazio urbano definição de um local sem uso, obsoleto, incerto, desprovido de interesse; pois bem, ainda assim uma definição um pouco vaga, sem perceber se esses locais são edificadas ou não que características podem ter, onde os autores entram em a discordância, ainda que consentido e que se tratam de espaços com uma enorme possibilidade e constituem uma mais-valia, desenvolvimento da malha urbana e também para a relação da cidade e sociedade.

Terrain Vague, este termo continua a procura mais elaborada do conceito e definição para espaços desocupados e incertos. Ainda assim deixa de lado espaços transitórios em que ainda compreendem um uso sendo que a sua decadência é cada vez mais acentuada e aproxima-se a passos largos de se tornarem um locais de abandono, e que naturalmente se tronaram obsoletos e sem uso, tornando-se um vazio, *terrain vague*.

E por fim, e não menos importante, o Lugar antropológico / Não-Lugar em que os *lugares* são definidos pela sua identidade, a sua relacionalidade e a sua história, pondo de lado qualquer aspecto físico que os caracterize, trabalhando com base em emoções e vivências, e defendendo que a estratégia para um melhoramento destes espaços passa pela compreensão do comportamento da sociedade urbana e percebendo e aceitando as suas mudanças, assumindo assim que é necessário criar a partir dessa necessidades.

De que modo eles se relacionam? A meu ver mais do que relacionam-se eles completam-se para uma percepção de como ajudar no desenvolvimento do desenho urbano, na criação de espaços de melhores relações sociais, de compreender que necessidades têm uma sociedade contemporânea, uma *cidade contemporânea*. O capítulo seguinte vai compreender qual a estratégia que melhor resolve esta problemática, e onde a cidade e as suas vivências, requalificação urbana, os espaços verdes são protagonistas, dando inicio a fase seguinte desta dissertação.

2. Requalificação Urbana

2.1 A Cidade, na perspectiva das vivências.

«A cidade é o resultado de ciclos de mudança e de transformação, elementos que a formam e a definem como cidade. É o testemunho de uma herança, e de uma permanência.» (Araújo, 2016:18). A cidade é ainda caracterizada pelos seus ritmos, escalas e materialidade, é um lugar de relações entre o espaço e estrutura social. Segundo Henri Lefebvre a cidade é interpretada pela percepção dos ritmos presentes no espaço. Tendo em si a compreensão dos diferentes modos de apropriação do espaço distinguindo o frequente ou o particular no quotidiano social.[Lefebvre apud, Araújo, 2016:19) Os diferentes ritmos da cidade originam, formas, intervalos, fazendo uma sobreposição de ritmos, com isso a rítmica em função de determinados lugares é variável, conforme o seu significado na cidade, definindo os vazios urbanos, «sinais de dinâmica social (...) permitindo que identifiquemos um “intervalo” de vida e de espaços com usos só temporariamente urbanos, que todavia enriquecem e imprimem variedade à paisagem.» (Aguilar, 2012: 62).

Ainda seguindo o raciocínio de Douglas Aguilar a cidade e o entendimento das suas formas, tem estreita relação com a urbanidade,² Ou seja um conceito criado para compreensão das características, e vivencia das cidades, isto é, «o conjunto de qualidades, boas ou más, que distinguem uma cidade» (Aguilar,2012;62); podemos esclarecer até que existem espaços com baixa urbanidade, que são caracterizados como sendo espaços inabitáveis, em contraponto com espaços habitáveis no sentido hospitaleiro. Mais uma vez vemos, os *vazios urbanos* a serem descritos como local de pouco interesse social, sendo até apelidados de pouco acolhedores. A urbanidade está intrinsecamente relacionada com a cidade e a sua experiencia, os seus espaços, como por exemplo, «Urbanidade é algo que vem da cidade, da rua, do edifício, pelo corpo, pelo individual e colectivo, resumidamente, da arquitectura do espaço público» (Araújo, 2016:19).

A circunstância da urbanidade está directamente relacionada com a formalidade, ou seja uma cidade “*formal*” trata-se de uma cidade onde o seu desenho urbano está configurado a seguir determinados caminhos, regras, não com isso querendo dizer que essas cidades tem mais urbanidade que outras que em contrapartida não tem o aspecto formal intrínseco, mas uma urbanidade elevada, representada pela relação do local ao “*corpo*”: trata-se da faculdade de adaptação em acolher pessoas.

² *Urbanidade*, termo utilizado para definir, *Vida na Cidade*.

Em jeito de conclusão, a forma pertence á cidade, com os seus ritmos, com a sua urbanidade, com a sua arquitectura, que estruturam a cidade. A forma como conceito tem relações estreitas com o exterior, com a aparência; para o conhecimento da forma são necessários aspectos de leitura como, o *visual*, para uma apreciação do exterior como forma, não querendo com isto dizer que é o único aspecto em matéria formal.

O conceito de “*Forma Urbana*” (Araújo,2016: 21) tem relação com a arquitectura na medida em que «a forma da cidade corresponde à maneira como se organiza e se articula a sua arquitectura (...) por uma arquitectura própria e uma forma própria.» (Rossi, 1977: 59). Podemos ainda relacionar a forma com a função, ou seja, adaptando-se de maneira a possibilitar o desenvolvimento das suas actividades, «Diferentes formas correspondem a diferentes funções, e diferentes modos de concepção» (Araújo, 2016: 21). Com isto compreendemos que a cidade e as suas relações são complexas, que não existem duas iguais, pois os seus ritmos, a sua urbanidade, organização são muito diferenciados, até por conta de factores culturais. Os seus elementos morfológicos podem até ter algumas semelhanças, mas como destacado acima nada disso é semelhante porque cada cidade tem o seu *espaço urbano*.

Todas estas singularidades remetem a diferentes, que provocam no indivíduo diferentes sensações, remete ao direito da cidade. O direito de usufruir aquilo que a cidade oferece, num ambiente qualificado. O direito à vida e à cultura urbana à qualidade da paisagem e arquitectura é um direito social.

(Araújo,2016:22)



Imagem representativa de urbanidade, disponível em:
http://obviousmag.org/arquitetura_e_vida/2015/02/da-urbanidade-a-feliz-cidade.html

2.2 Espaço público como lugar de vida urbana e palco da História

Como podemos definir o espaço público? É um espaço que nos é atribuído a todos, é o teatro da vida quotidiana da cidade. Nele englobamos ruas, praças, avenidas, espaços verdes, todos aqueles lugares onde ocorre a vida social. Elemento de grande importância na estrutura de uma cidade, é aqui que se desenrolam todas as relações de uma sociedade. De acordo com os autores Jordi Borja e Zaida Muxi a qualidade desses espaços define a qualidade de uma cidade, ou seja, sendo este caracterizado como local de vivências, encontros entre pessoas, quanto maior for a sua dimensão sociocultural, mais representativa é da qualidade de vida dos seus habitantes.

Para um melhor uso destes espaços, podemos definir alguns factores, como por exemplo, «o desenho, a acessibilidade, a beleza, a monumentalidade, (...), a diversidade de utilizadores e possíveis actividades, evidenciando também a importância de serem acessíveis a toda a população.». (Rosa, 2017:11).

Para além das características acima descritas o espaço público conta ainda com a multifuncionalidade, ou seja, um factor que segundo o arquitecto Álvaro Manso faz com que diferentes funções passem por,

Enquadramento e integração; circulação e estacionamento; sociais; económicas; recreativas, de lazer e convívio, desporto e espectáculos; culturais, cénicas, científicas e didácticas; equilíbrio psicofisiológico dos habitantes; prolongamento das funções do próprio equipamento; regularização climática; e protecção do ruído, controle de luminosidade e purificação atmosférica.

(Manso, 2001:33)

É assim que quanto maior a multifuncionalidade, mais atractivo se torna o local, dando origem a relações culturais, económicas e até funcionais diversificadas. Todos estes factores fazem do espaço público um elemento de união dos territórios, de maneira a organizá-los, ajudando ainda na qualificação da sua envolvente dele mesmo.

A mobilidade assume um papel importante na conexão do espaço com a sua envolvente. A possibilidade de circulação e acesso, é factor de sucesso. Para tal uma boa rede de caminhos não só pedonal, pois vivemos na era automóvel, alimentando a mobilidade urbana, fazendo assim deste locais pontos de atracção, para os habitantes e visitantes do espaço público.

O Espaço Público é o local onde as pessoas vivem grande parte do tempo. É o espaço onde circulam, seja de automóvel ou a pé, é o espaço onde se encontram, onde se sentam, onde conversam. É onde se fazem as manifestações e as procissões, as grandes festas e os funerais, é onde se expressam colectivamente as grandes alegrias e as grandes dores. Vendo bem, o espaço público é a essência da cidade e é através dela que é representada.

(Salgado, M., 2000: 9).

Hoje, numa noção temporal onde esta temática ganha outros contornos e importância, estes espaços são cada vez mais utilizados, a população tem necessidade de manter uma relação com a rua, com o espaço ao ar livre, o que origina a criação de novos recintos cada vez com melhor qualidade e dinâmica social, surgem ainda iniciativas como é o caso do *European Prize for Urban Public Space* do Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona (CCCCB) ou o programa *Uma Praça em cada Bairro* – intervenções em espaço público (CML, 2014), duas iniciativas para a promoção e execução dos Espaços Públicos.

Espaço Público Urbano, segundo vários autores, é o espaço que existe entre edifícios, espaço esse que é definidor de uma cidade sendo tão importante ter uma entidade de um espaço multifuncional, acessível pela população público em geral e, essencialmente, um espaço de encontro e convívio entre os moradores. Solá-Morales defende que o espaço público é «como uma estrutura que combina estradas e praças, apresentando nesse enquadramento a essência da coexistência e interacção da comunidade.» (Solá-Morales, 2010: 27). E ainda segundo Pedro Ramos Brandão «os espaços públicos urbanos também devem ser vistos como uma rede contínua e, por isso essa rede deve ser ponderada e gerida no seu todo, e não como singularidades» (Brandão, 2002: 24).

As actividades no espaço público são defendidas por Jan Gehl - que tem dirigido um estudo sobre o desenho urbano virado para o peão - como actividades necessárias, ou seja são necessidade quase que “obrigatórias”, como por exemplo o caminho casa/trabalho, ou casa/escola ou a necessidade de percorrer uma rua para chegar a um local específico, isto são segundo o autor as necessidades imprescindíveis, em contraponto com a necessidades Opcionais, que se traduzem em actividades que ocorrem quando o espaço é favorável: temos então caminhadas, actividades desportivas ou simplesmente de lazer. Podemos até defini-las como actividades sociais, sendo que estas actividades dependem em alguns casos da presença de outros utilizadores/habitantes no espaço públicos. Estas duas actividades combinadas num espaço público devidamente pensado e organizado permitem uma melhor qualidade na vida da cidade.

Em resumo, espaço público é definidor de boa qualidade das cidades, é um elemento fundamental na vivência social, na relação do individuo com a cidade e com o espaço; para tal experiência ser enriquecedora e não apenas “obrigatória” estes espaços têm de ser pensados em função do habitante que caminha e percorre a cidade pelo seu pé, tendo de perseguir determinadas matrizes para uma melhor apropriação.

Se tudo isto for tido em conta no papel do arquitecto como desenho do espaço e como seu interlocutor com o individuo, estamos perante um melhor aproveitamento da cidade e a contribuir para o seu desenvolvimento de maneira positiva e organizada, ligando espaços, criando uma melhor mobilidade e consequentemente uma melhor experiencia social. Dar continuidade a iniciativas como a *European Prize for Urban Public Space* e *Uma Praça em cada Bairro*, ou ajudando na compreensão desta problemática estaremos sem dúvida a proporcionar melhores condições na nossas cidades.

2.3 O papel dos espaços verdes no tecido urbano

Não poderíamos falar de espaços públicos sem compreender o conceito de espaços verdes, pois muitas vezes eles estão interligados. Temos também de perceber a sua integração na malha urbana. Começando por compreender que são definidos como «conjunto de áreas livres, ordenadas ou não, cobertas de vegetação, que podem desempenhar funções urbanas de protecção ambiental, de integração paisagística ou arquitectónica, ou de recreio.» (Fadigas, 2010: 120). Estamos então a falar de jardins, parques, cobertos vegetais, canteiros, corredores verdes, podemos incluir ainda neste rol «áreas de integração paisagística e de protecção ambiental de vias e outras infra-estruturas urbanas; a vegetação marginal dos cursos de água e de lagos; zonas agrícolas e florestais residuais no interior dos espaços urbanos ou urbanizáveis» (Fadigas, 2010: 120).

Anteriormente esta discussão não era prioritária, o que originou a degradação de algumas áreas verdes, outro factor que ajudou a esta situação foi o crescimento desorganizado cidade, uma estratégia encontrada para a resolução desta problemática foi a criação de recuperar estas estruturas de maneira um pouco artificial, ou seja segundo Leonel Fadiga, Law Olmsted contribuiu para a introdução de um novo elemento quando projectou o tão conhecido *Central Park*, em Nova Iorque, que veio dar um novo fôlego a relação da cidade com os seus jardins. Olmsted não criou apenas uma área arborizada, ele pensou num espaço voltado para o peão, com um sentido urbanístico bastante apurado onde desenhou uma estrutura «como composição urbana e não como uma decoração de áreas livres restantes do edificado» (Rosa, 2017: 15).

Como definidores destes espaços criados “artificialmente” temos o termo de *pulmão verde* que tem com ele o principal propósito, de melhorar o ambiente na cidade, purificando o ar, e em relação ao desenho urbano servir como fôlego ao edificado. Fazendo destes espaços um respirar de alívio, uma área onde a cidade pode descansar de toda uma envolvente edificada, densa. Olmsted veio contribuir para esta criação de uma rede de espaços verdes, dando o seu contributo para o urbanismo moderno, e contemporâneo. A criação de uma articulação de parque em vez de criar apenas um parque de grandes dimensões no interior da cidade foi muito eficaz e inovador da parte de Olmsted naquela época, Hoje em dia serve de premissa a muitas estratégias e soluções do desenho urbano.

«A existência de uma estrutura verde urbana representa um modo de participação da natureza na construção da cidade enquanto entidade morfológica, um elemento de composição urbanística e paisagística e um factor de qualificação ambiental» (Fadigas, 2012: 124). Ou seja, o que o autor quer relevar é que as vantagens destes espaços verdes prendem-se a factores como a estabilidade e estruturação biofísica, o conforto ambiental, o enriquecimento estético e diversificação da paisagem urbana e a oferta de espaços para recreio e lazer, prática de desporto e contacto com a natureza, sendo estes os mais importantes. As vantagens ambientais da posterior manutenção destes espaços passam pela permeabilização do solo, controlo de eventos climáticos como enxurradas e erosões e ainda protecção das nascentes e linhas de água ainda a preservação e origem de novos pontos de preservação dos ecossistemas.

As infra-estruturas são consideradas importantes instrumentos no paisagismo urbano, e a sua relação com as estruturas é um assunto bastante discutido no urbanismo e paisagismo actual, onde as respectivas premissas são as multifuncionalidades e a meadrição da paisagem, termo cunhado pelo arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles, nos espaços. Segundo algumas ideias de autores as infra-estruturas são um valioso instrumento na estruturação ecológica da cidade, como por exemplo, através da absorção de águas pluviais, ajudando em factores como o ruído e poluição, tornando-se assim uma estratégia de resolução de lacunas na malha urbana.

Mas a estratégia para estes espaços tem de ser pensada de maneira a não acabar por ser um recinto onde “quanto mais verde melhor”, sem procurar resolver problemáticas reais, e sem contexto na cidade, tendo de lhes ser atribuída uma entidade própria e usos associados á sua envolvente: tendo estes aspectos estatuto primordial.

Relacionando este capítulo com o anterior *Vazios Urbanos* é importante perceber que estes espaços verdes estão-lhes muitas vezes associados, ou a espaços residuais. Surgindo como espaços que crescem devido ao desenvolvimento da cidade, e como consequência não foram nela integrados. E onde mais uma vez são vistos como possibilidades e não como negativamente cotados, voltando ao termo de Solá-Morales de *Terrain Vague* onde estes espaços são vagos de vazios, limpos, como noutro sentido são vagos, *cheios de oportunidades*.

3. Local de estudo

3.1 Justificação

A escolha do local, prende-se com as suas características que se inserem no tema escolhido para a dissertação, apresentando aspectos relacionados com a problemática que foi estudada anteriormente, como vazio, gerado no tecido urbano. A possibilidade de requalificar o espaço, sendo o próprio, um local de oportunidades, podendo acrescentar algo à dinâmica da área envolvente, é o que no meu entender traz uma mais-valia a toda a zona.

Para além deste primeiro ponto que se liga com as características físicas do local, temos também uma outra característica, ao nível afectivo, pois o conhecimento de toda esta área que remonta a mais de 20 anos de vivências, conhecendo as suas mudanças, as suas características sociais, as suas características físicas, como ruas, edificado, conhecendo a sua malha urbana e como estes aspectos tem determinado a sua dinâmica, suas relações, e por fim a convivência com as pessoas que vivem no local, conhecendo as suas histórias, as suas curiosidades locais. Estes aspectos tiveram um grande peso na decisão e justificação da escolha do local a estudar.

Um terceiro ponto relaciona-se a facilidade deslocamento ao local, que facilita o estudo, para uma melhor percepção no momento de executar uma proposta, esse propiciamento proporciona a percepção do espaço em várias alturas do dia, as suas características e comportamentos aspectos ao nível climático ambiental, como se comporta nas diferentes estações do ano, pesquisa decisiva no desenvolvimento da proposta.

Em resumo a escolha do local para o estudo de uma proposta, está legitimada, pela atenção aos aspectos físicos, afectivos, e de acessibilidades, razões importantes para o estudo e execução de uma proposta. É essencial conhecer o máximo do local para uma proposta bem-sucedida, e em conformidade com as respectivas necessidades, respeitando o lugar na sua integridade, identitária, relacional e histórica.

3.2 Momentos significativos

A freguesia de Santa Maria de Belém, situada na zona ocidental da cidade de Lisboa, tem história que remonta ao Paleolítico, segundo arqueólogos que defendem a presença humana nesta área, devido a vestígios dessa época encontrados na região.

Passando essa era longínqua do Paleolítico, a história desta freguesia transporta-nos para o Reinado de D. Afonso III esta zona não tinha qualquer notoriedade, com o surgimento de Alcântara, cujo seu significado é “ponte”, estão assim criadas as condições para o crescimento desta região e a sua ligação a Lisboa. A sua condição geográfica é determinante no respectivo crescimento uma vez que se situa nas margens do Rio Tejo, proporcionam a criação de uma pequena aldeia piscatória designada de Restelo. Encontramo-nos no Séc. XIV, onde para além da pesca, começou a desenvolver-se a agricultura e assim a abastecer a cidade de Lisboa. No século seguinte esta zona não obteve crescimento significativo, sem qualquer desenvolvimento notório.

É então no reinado de D. Manuel que Belém ganha o que hoje faz deste local uma marca em Lisboa os monumentos mais importantes na cidade desde Torre de Belém, e Mosteiro de Jerónimos até outros no contexto da Expansão Marítimo que na altura atingio o apogeu, nomeadamente entre 1501 e 1520 ano de conclusão da Torre de Belém. O que faz deste período um marco importante para o desenvolvimento desta freguesia. E como era de esperar esta zona ganhou interesse económico com o aparecimento de quintas, cujo interesse vai além da economia e passa também estatuto de recreio com as famílias que pertenciam á nobreza a adquirir algumas dessas quintas, para épocas sazonais. A zona começa assim a desenvolver-se e algures na segunda metade do Séc.XXI ergue-se então a freguesia de Nossa Senhora da Ajuda. Avançando a História passamos para outro marco importante na freguesia, o terramoto de 1755, onde Belém e Ajuda foram as zonas menos atingidas, o que levou a população a mudar-se para lá, criando um “mar” de barracas, não só o povo em geral mas também a família real, se mudou para lá para umas dessas construções, apelidada de *Real Barraca*, com eles o eixo Belém-Ajuda tornou-se centro de funcionalismo e burocracia, fixando-se assim na zona, comercio e artífices, além da presença militar que se fez notar com a implantação do regimento e infantaria, hoje também conhecidos na calçada da Ajuda. No reinado de D. José, por volta de 1770, é oficialmente instituido o *Bairro de Belém*

Esta zona cai em desgraça com o desvio do centro político no Séc. XVIII, do qual um dos factores foi em 1794 o incêndio da *Real Barraca*, que fez com que a realza se instalasse no Palácio de Queluz. Nem o início da construção do Palácio da Ajuda, auxiliou ao resgate da freguesia do processo de decadência, uma vez que a falta de verba, e a fuga da Família Real para o Brasil consequência das Invasões Francesas, ditaram o seu declínio. Já no início do Séc. XIX traz com ele uma lufada de ar fresco, marcado pelo desenvolvimento fabril. Em 28 de Dezembro de 1833 é então formalmente reconhecida como Freguesia de Santa Maria de Belém, onde se desagrega da zona da Ajuda. É então que são criados os pátios e os bairros proletários, resultado de uma enorme mudança social e territorial que começa a marcar o tecido urbano de Belém

Volta então a freguesia aos seus tempos áureos com o regresso da família real nomeadamente D.Luis e sua esposa D. Maria Pia, ao então Palácio da Ajuda ainda inacabado mas já habitável. Belém conhece agora novos desenvolvimentos urbanos, que se desenrolaram com o aterro do Vale de Alcântara até à torre de São Vicente de Belém; a criação de várias docas e a inauguração da linha férrea para Cascais, começando as primeiras actividades de lazer e culturais da zona, com a ida a banhos.

Chegando ao Séc. XX a malha urbana ganha outros contornos e o seu desenvolvimento é notável, o surgimento do eléctrico é crucial para tal desenvolvimento, pois as ligações com o centro estavam asseguradas, a tímida mancha urbana começa a formar-se ao lado da paisagem rural que não se descaracteriza. Os campos de trigo, a produção agrícola ou as estreitas azinhagas permanecem ao lado dos novos moradores. A zona passa definitivamente de rural a urbana, é então que 1940 se dá outro grande acontecimento a Exposição *O Mundo Português*, originando uma mudança radical e obrigando a demolição do núcleo central de Belém para dar origem à Praça do Imperio.

A obra arquitectónica mais emblemática surge em 1988 com o Centro Cultural de Belém, controverso na escolha do local. Este edifício vem preencher exactamente o espaço que foi destinado ao pavilhão Português no Mundo, na exposição 1940. Esta obra teria de relacionar-se directamente com os ícones Mosteiros dos Jerónimos e Torre de Belém, tal responsabilidade teve nas mãos dos arquitectos Manuel Salgado e do italiano Vittorio Gregotti.

Desde então, Belém assume o seu papel de centro cultural e monumental da cidade de Lisboa e é ponto turístico e de interesse inigualável na cidade. Estamos a assistir a uma nova mudança na freguesia, com o turismo cada vez mais crescente. Belém tem vindo a adaptar-se e este fenómeno crescente e adaptar a sua malha urbana tornando-a apetecível com a criação de pontos turísticos como hotéis, pequenos hotéis, infra-estruturas destinadas a cultura e recreio, tornando-se paisagem de postal, Belém está de novo a transformar-se.

Para uma melhor compreensão em termos temporais segue abaixo um resumo cronológico.

Séc. XIV – Onde tudo começa; devido a sua localização os pescadores começam a permanecer no local e dão assim origem a uma pequena aldeia.

1452– Restelo, assim era apelidada toda aquela zona, uma região que começa a ganhar importância estratégica e logística em relação ao desenvolvimento marítimo de Portugal, e após a conquista de Ceuta e das Índias o impulso é ainda maior e consequentemente a estrutura da aldeia não estava de todo preparada para tal, e o que custou e pôs em causa vidas, uma vez que as doenças daqueles que eram massacrados pelas dificuldades em alto mar se começavam a alastrar, foi então que Infante D. Henrique, manda construir a Ermida de Sta. Maria de Belém, ordena ainda construção de canalização, casa para habitação e a criação de terrenos agrícolas.

1501- Após e a radical mudança de simples aldeia piscatória a importante aldeia e ponto estratégico e económico, a sua visibilidade ganha outros contornos quando grandes navegadores como Pedro Alvares Cabral e Vasco de Gama fazem vigílias na Ermida antes de ir para alto mar, é então que D. Manuel pede autorização para mandar construir o Mosteiro dos Jerónimos no lugar da ermida. Tornando-se mais tarde ícone da Arquitectura Manuelina e hoje em dia ponto turístico obrigatório da cidade.

1520- Torre de Belém; marco do poder marítimo do nosso país, construída para defender as nossas águas, e mostrar todo esse poder, mais uma vez ponto obrigatório na cidade.

1770- Torna-se oficial e institucionalmente Bairro de Belém

28 de Dezembro de 1833- Oficialmente Freguesia de Sta. Maria de Belém.

Séc. XX- Esta zona ganha uma ligação á cidade de Lisboa; com a integração do eléctrico, assim a sua relação ganhou outra importância e a freguesia ganha maior população, e por sua vez a sua malha urbana têm um crescimento significativo.

1940 – Exposição do Mundo Português, com ela veio a mudança mais radical da freguesia, para tal deu-se a demolição do núcleo central da zona, para nele erguer a praça do Imperio. Com a exposição o desenvolvimento da malha urbana estava assegurado. A partir daqui, a freguesia mudou definitivamente, consequentemente com as demolições houve muitos desalojados, desapareceram quarteirões e ruas inteiras, largos, feiras, jardins, fábricas, inúmeras lojas de pequeno comércio, entre eles, o Mercado de Belém.

1992- Conclusão da obra do Centro Cultural de Belém, construído para acolher a Presidência Portuguesa da União Europeia, que acaba por hoje ser marco arquitectónico e cultural, acarreta consigo a polémica da escolha do lugar, pois coincide com o local destinado para o pavilhão *Português* na exposição de 1940. Tinha como objectivo glorificar a partida do nosso povo para os Descobrimentos, sendo parte constituinte de uma linha condutora entre os Mosteiros dos Jerónimos e a Torre de Belém. Projectado pelo arquitecto Manuel Salgado, e pelo arquitecto italiano Vittorio Gregotti, tornando-se marco no panorama arquitectónico português.



A torre E entrada da Barra de Bellem, Dirk Stoop, 1662, Imagem: British Museum, disponível em: <http://lisboa-e-o-tejo.blogspot.com>

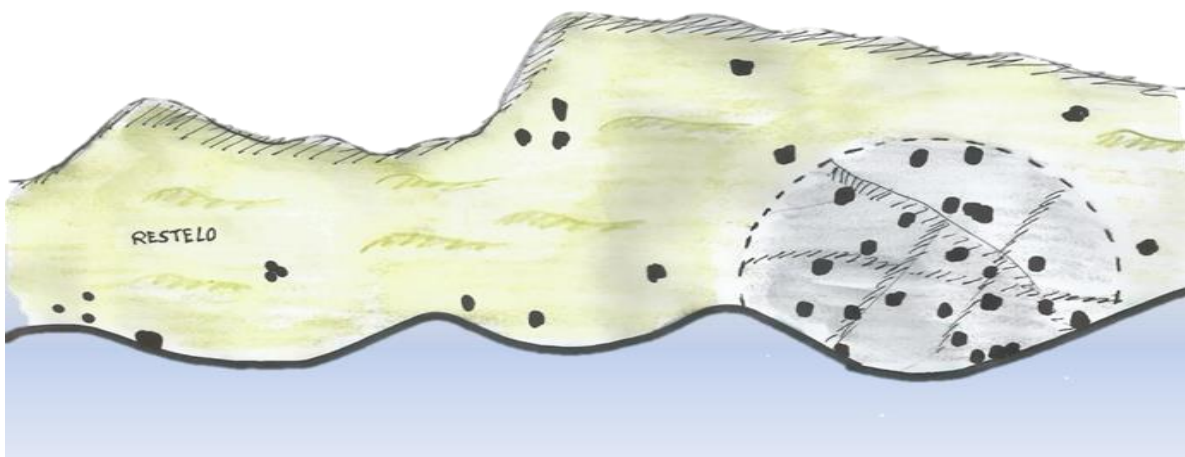


Ilustração de Lisboa em 1500 da autoria de Iolanda Rocha, com base em cartografia histórica

Como podemos perceber pela ilustração acima, Lisboa como cidade estava restrita ao seu centro e toda a sua periferia era dispersa, a sua malha urbana era praticamente inexistente e a sua maior densidade encontrava-se no centro. Belém quase não existia em termos de desenho urbano, e como referido anteriormente era uma zona de pescadores pouco notória e a sua ligação e relação com o centro era residual.

Na seguinte ilustração que nos remonta aos anos de 1840 percebemos já uma dinâmica diferente na malha urbana que se estendera a periferia, sendo que a ligação de Alcântara foi o fenómeno importante para a relação de Belém com a cidade de Lisboa e o seu Centro, aqui entendemos uma cidade que esta a crescer. Ainda que Belém não fosse parte integrante da cidade, começa a sua relação e a sua ligação com ela.

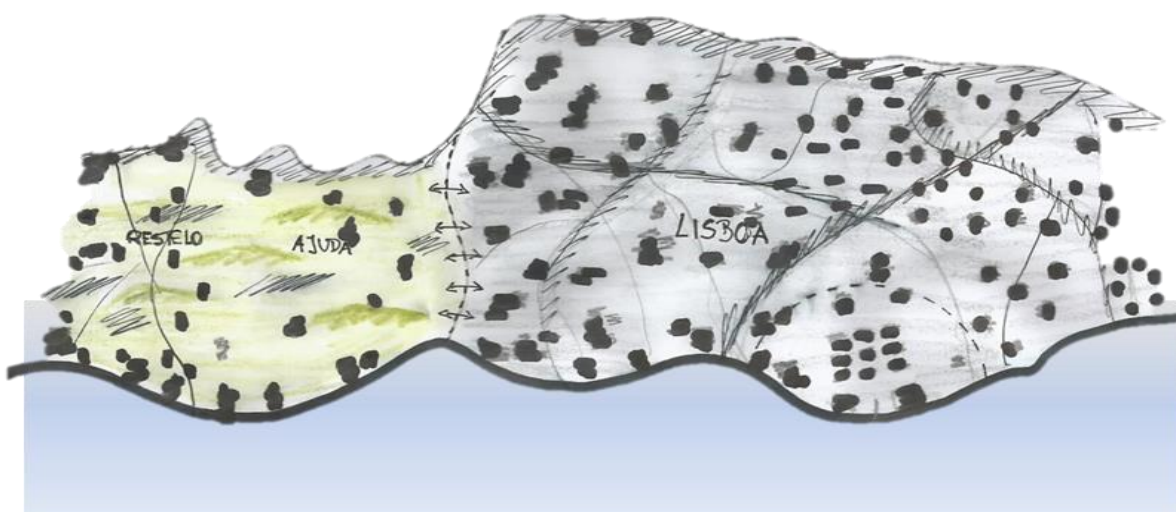


Ilustração de Lisboa 1844 da autoria de Iolanda Rocha com base em cartografia histórica

Por fim, a seguinte ilustração dá-nos a percepção de uma Lisboa com uma malha urbana mais consolidada, onde Belém já é sua parte integrante, tendo a malha urbana alastrado para toda a sua antiga periferia. A ilustração mostra-nos uma Lisboa mais próxima de como a conhecemos hoje com os seus limites alargados, com alterações em relação á frente ribeirinha.

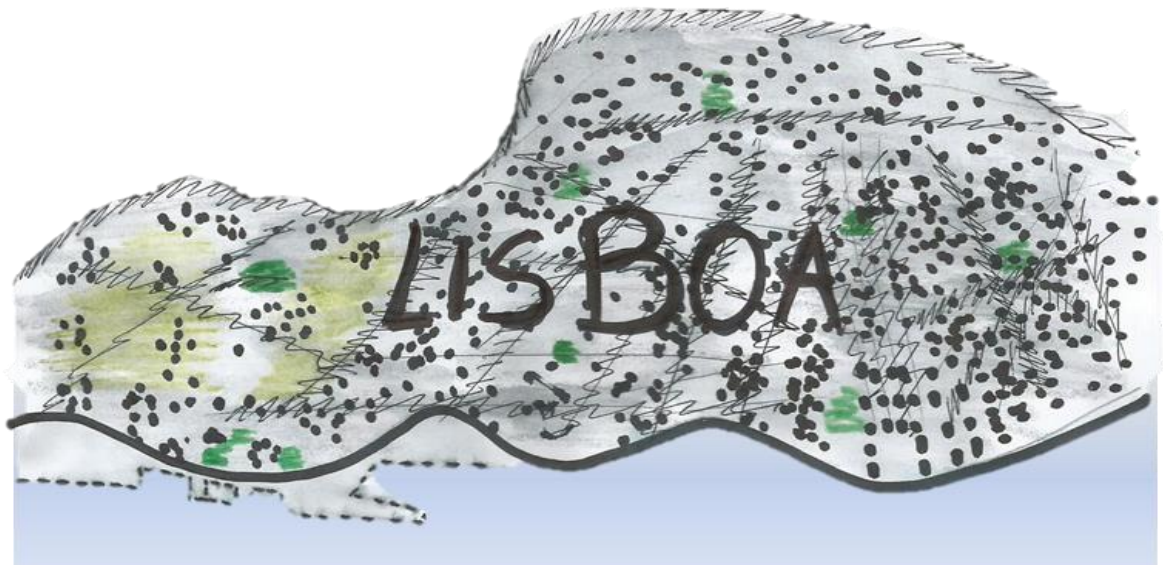


Ilustração de Lisboa 1940 da autoria de Iolanda Rocha com base em cartografia histórica

3.3 Vida Continuada Depoimento Individual

Adelaide Duarte, uma residente

Durante a investigação sobre o local de intervenção (v. *info* 4.3) surgiu a oportunidade de conversar e falar um pouco com alguém residente, que nasceu e cresceu nesta mesma zona, e que pode mostrar através do seu depoimento, toda a experiência, das suas mudanças, e como era viver ali. É com base nesta entrevista que se vão desenvolver os próximos parágrafos, de uma maneira rica em emoções e sensações que o lugar transmitiu no passado e o que transmite no presente.

O seu nome é Adelaide Duarte, uma senhora de 74 anos que sempre viveu na Rua da Correnteza (local de intervenção) em Belém. A sua família fazia parte de inúmeras outras que viviam do cultivo da terra e era dele que obtinham o seu sustento, como podemos ver anteriormente esta era uma zona marcada por quintas e pelo cultivo da terra que abastecia a cidade, para a família dela não era diferente. Segundo ela era uma zona pobre onde as pessoas viviam do mesmo modo que a sua família, tinham uma pequena quinta, toda a área envolvente era uma paisagem disso mesmo, de cultivo; uma zona onde a preocupação com a “malha urbana” era pouca ou nenhuma, uma vez que em muitos casos as pessoas faziam as suas próprias casas pertos das suas quintas. São tempos recordados com alguma nostalgia, pois como a própria refere, «tudo isto mudou muito, está diferente. Não havia nada disto, nós brincávamos e trabalhávamos nestes campos» (Adelaide Duarte em depoimento, 2018).



panorâmica de belem 1940 by Kurt Pinto, disponível em: <https://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt>

A própria presenciou muitas mudanças com o passar do tempo, variando de um local rural, para um local de residência e ponto de excelência na área do turismo. As ruas, as estradas, nada era assim; as estradas eram, à exceção de uma ou outra, as principais, de terra batida por onde passavam os animais que carregavam tudo o que era necessário. As habitações eram casas normalmente de um só piso, de áreas pequenas que tinham de abrigar famílias inteiras com agregados grandes devido ao número de filhos característicos daquela época.

Quando Adelaide Duarte nasceu, já Belém era um espaço movimentado, mas as imediações caracterizavam-se principalmente por quintas, e casa pequenas. Com o passar do tempo a sua família ficou sem a quinta, foi vendida por 40 contos e no seu lugar surge uma corrente de prédios; estava a começar a mudança, uma mudança radical que não se reverteria. Reconhecendo uma mutação urbana de desenho.

A própria menciona que hoje em dia a mudança é muito mais rápida, o que era a casa de um vizinho conhecido que faleceu, em pouco tempo se torna numa pousada, a mercearia a que costumava ir, fechou e hoje é um bar “desses modernos”, e ao passar pela rua vai referindo sítios que marcaram a sua vida e hoje já não tem a mesma “cara”, têm outros usos.

Com isto referiu, não quer dizer que esteja pior, diferente sim, mas não necessariamente pior. Agora é mais fácil chegar aos locais, a mobilidade melhorou muito a rede de transportes públicos, as estradas facilitam bastante a movimentação, e sendo uma pessoa idosa diz sentir-se mais acompanhada, pois há sempre gente na rua, há muito movimento, apesar de referir também que a relação entre vizinhos mudou muito e o sentimento de entreatajuda não é o mesmo, tornando-se degradado.

As casas, outrora abandonadas, estão de há uns tempos para cá a receber outra atenção e começam a ser recuperadas, o que segundo a D. Adelaide as tornam “mais bonitas”, isto deve-se ao interesse que a cidade despertou pelo turismo, esse aspecto que esta a mudar a nossa cidade e a torná-la mais apetecível. Vêm aí tempos de mais mudança, depois de uma altura em que a preocupação com estes edifícios era muito reduzida daí que o cuidado com o desenho urbano e a atenção despendida com o aspecto social dos locais ganhe outros contornos.

Quando questionada com as primeiras ideias sobre a intervenção e qual era a estratégia que seria utilizada no local, achou que seria uma mais-valia, ter um local ao ar livre onde a população se pudesse reunir e interagir, onde as pessoas pudessem levar os seus netos e filhos, uma interacção entre gerações. A sua grande preocupação é o aspecto da mobilidade para pessoas idosas como ela, para também elas poderem usufruir deste espaço.



Imagem do Local, 2018, Iolanda Rocha

Iolanda Rocha

O Meu próprio testemunho pode também beneficiar o estudo local, uma vez que as minhas memórias do local remontam a 1996, ano em que comecei a frequentar aquele local. Nestes últimos 22 anos, as mudanças a meu ver são grandes, não tanto na malha urbana em si, mas no seu edificado e nas sensações e memórias do local. E nesse sentido que se vai focar este depoimento.

As memórias começam com a imagem de um local já caracterizado pelo turismo, e sendo um local movimentado, e voltado para os visitantes de intensa circulação, isto na sua zona mais a sul, mais junto ao rio, e com os seus monumentos de destaque, nomeadamente o Mosteiro dos Jerónimos, e torre de Belém entre outros com menor relevância; ainda assim a sua envolvente era envelhecida, não só a população mas também o seu edificado, o que nos devolve uma sensação que correspondia com o seu aspecto estético, muito do edificado estava abandonado e sem uso.

Mais tarde as mudanças começavam a aparecer mas ainda a um ritmo reduzido, o interesse pela zona estava a tomar outras proporções, e começávamos a ver aquele edificado devoluto a ser restaurado, na maioria dos casos com alguma preocupação com as memórias e a estética próprias, outras vezes com rasgos de modernidade conferindo à área uma diversificação de estilos. Ainda assim, o desenho da malha urbana mantinha-se intacto e as estradas começavam a ceder ao passar dos anos e ao aumento do tráfego e então a mudança não estava em sintonia com suas estruturas. Novos projectos eram pensados para o local, mas sempre com uma preocupação turística, como o caso do novo Museu dos Coches, que traria com ele uma expectativa, um rasgar alguns paradigmas.

Com o passar de mais uns anos e com a ajuda de iniciativas da CML como a requalificação de espaços urbanos que ainda decorre, e o notável aumento do interesse pela zona, agora sim as mudanças foram em alguns casos radicais, alterando, reorganizando a malha urbana, concebendo novas formas de mobilidades de acessibilidade, criando novos espaços, requalificando espaços antigos devolutos. Agora sim a mudança transborda por todos os cantos, o interesse imobiliário é maior e as casas e edifícios antigos ganham outro estatuto sendo a sua reabilitação tem a preocupação de manter as suas memórias, e foi uma mudança desta vez mais sentida na envolvente e não apenas no espaço designado como mais “turístico”.

A nível social e de vivências essas mudanças são também visíveis, os jovens e casais jovens com filhos, as crianças nos parques são uma constante, as vivências e relação de gerações são agora mais notadas. A nível do comércio as “melhorias” são visíveis as antigas mercearias, os antigos “cafezinhos” são agora pequenos supermercados, a restauração tem agora outra dinâmica. A rua deixa de ser um local de mera passagem, para um lugar para admirar para permanecer através de esplanadas, o valor de estar ao ar livre regressou e aumentou, Verifica-se assim um típico fenómeno de revitalização urbana.

Em termos de mobilidade as beneficiações são notáveis, as estradas restauradas os passeios alargados em função de facilitar o trajecto dos peões, a melhoria na rede de transportes. Estamos perante uma zona que era residencial com a particularidade de dividir o seu espaço com um ponto turístico relevante para a cidade, para um local onde estas duas definições se fundem e passamos para um local residencial que proporciona uma melhor experiência turística, estando estes dois aspectos estão cada vez mais interligados.

3.4 Morfologia e caracterização

Para podermos conhecer melhor a área para a proposta, temos de perceber o mais possível a sua população, o seu peso na cidade, as suas necessidades, só assim é possível que um projecto possa resultar da melhor maneira.

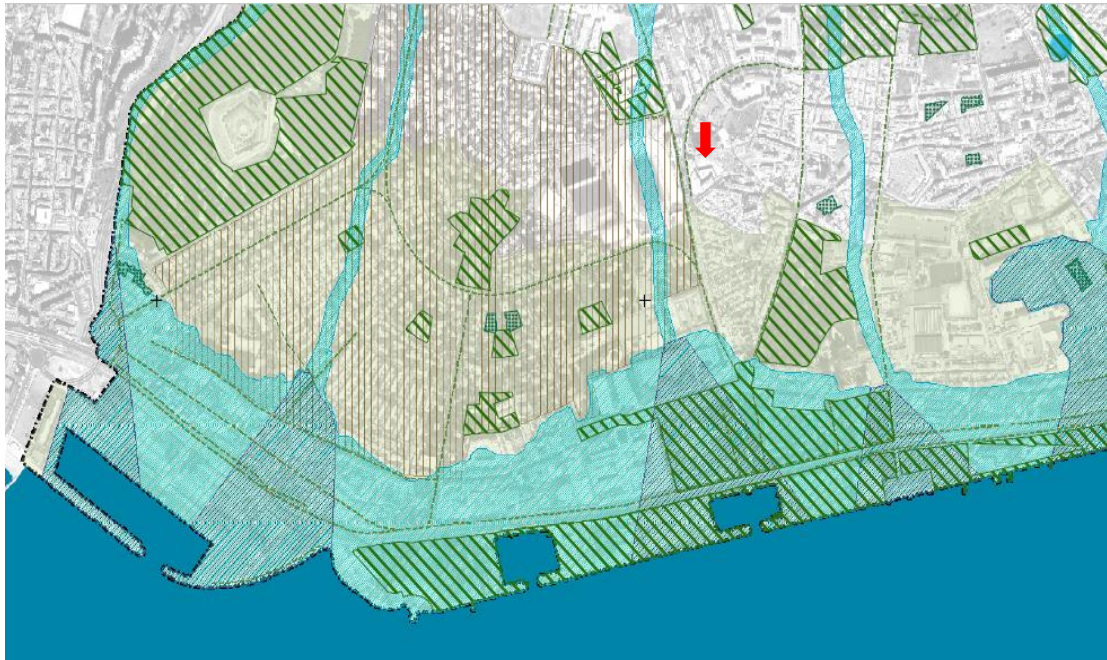
A freguesia de Sta. Maria de Belém, circundada por Algés, Ajuda e Alcântara, situada na margem do rio Tejo. É caracterizada hoje em dia como ponto principal de turismo, território que vai mudando aos poucos as vivências e estruturas da freguesia. Segundo o INE (Instituto Português de Estatística), a freguesia ocupa 7% do território de Lisboa, com um edificado que representa 6%, e com o alojamento de 3%, em relação à região de Lisboa, em relação a sua população representa 3% das famílias e 3% de indivíduos em relação a Lisboa, uma relação que se traduz em, 3.022 edifícios habitacionais de 52.696 da cidade, em 7.135 famílias.



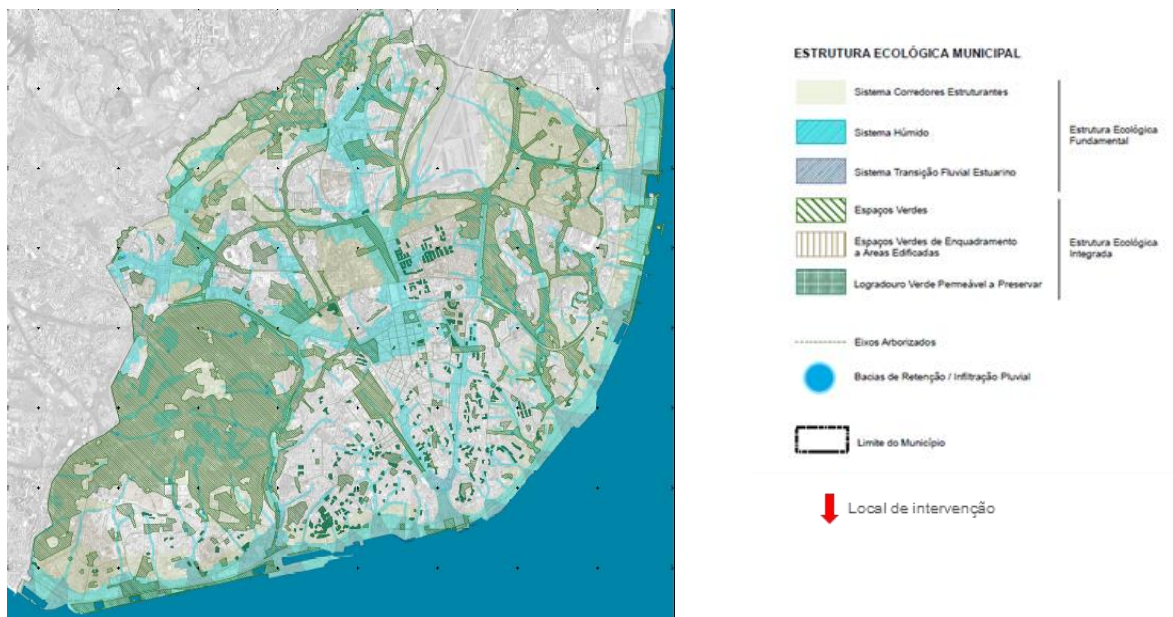
Em termos de PDM (Plano Director Municipal) da cidade de Lisboa como as plantas retiradas do site da Câmara Municipal de Lisboa, podemos perceber quais a condicionante do local

Estrutura Ecológica Municipal

A planta seguinte representante de Estrutura Ecológica Municipal, mostra-nos que o local não se encontra em nenhuma área ecológica



Mapa de estrutura ecológica, disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt>

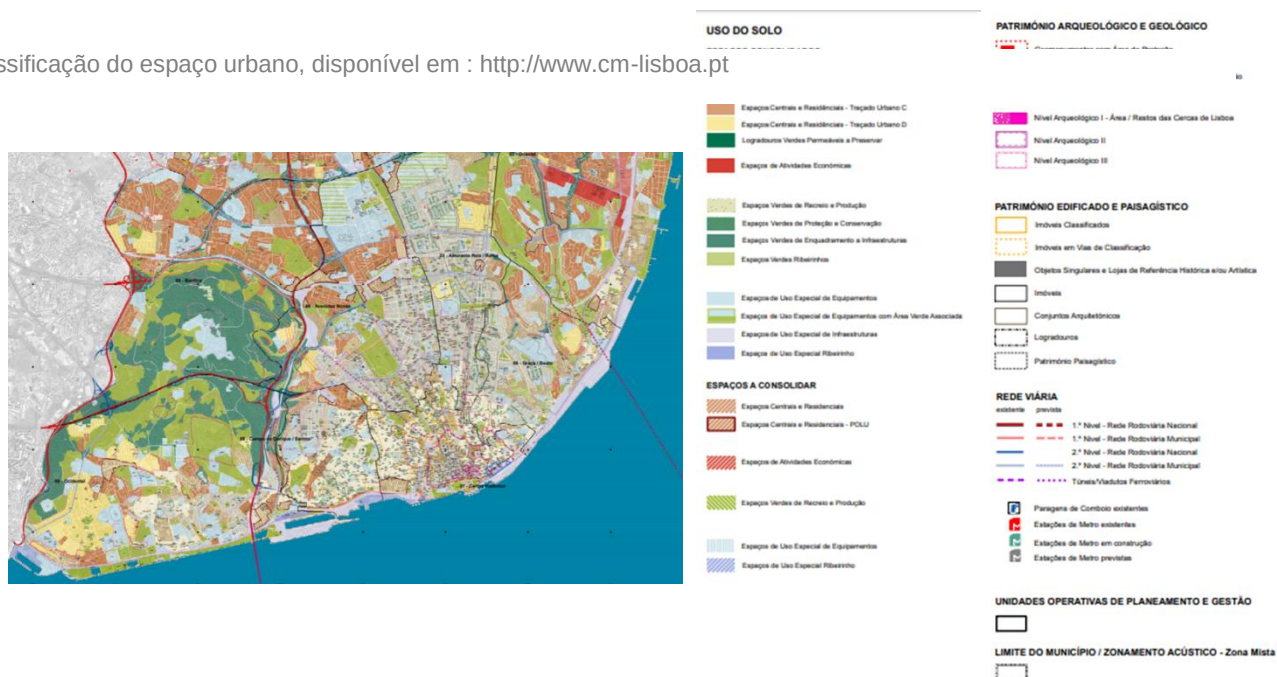


Classificação do Espaço Urbano

A seguinte planta dá-nos a conhecer que o local se encontra caracterizado por *Espaços Centrais Residenciais*. Onde se privilegia em termo de usos habitacionais, micrologísticas, comercio e turismo, essenciais para o objectivo estratégico de reabilitação e regeneração da Cidade.

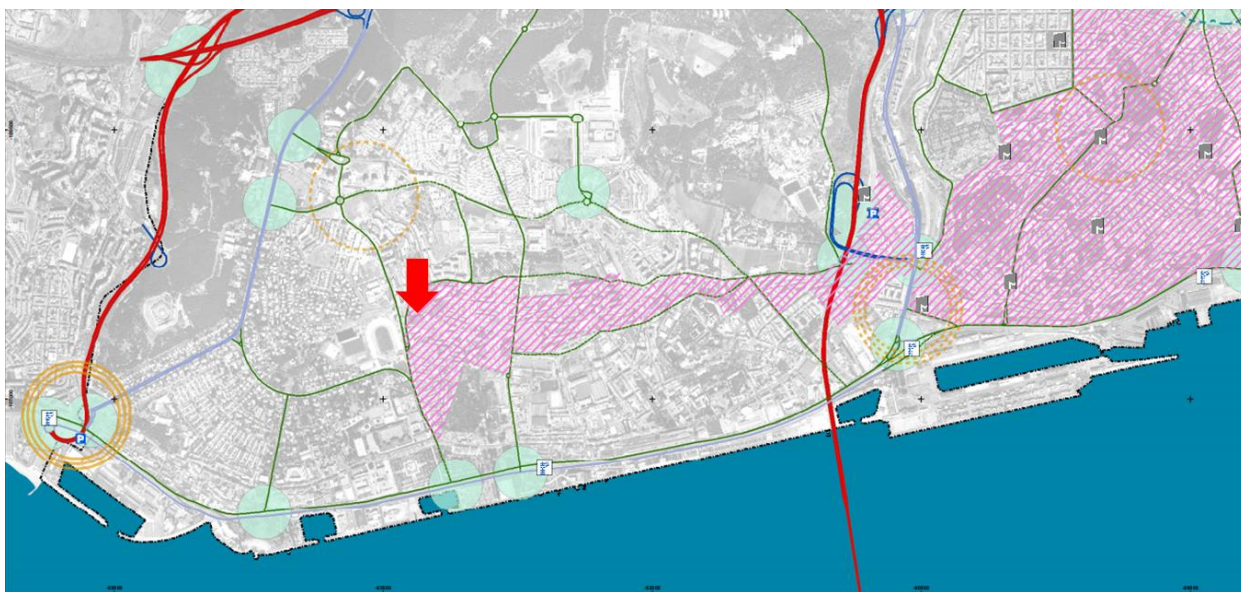


Mapa classificação do espaço urbano, disponível em : <http://www.cm-lisboa.pt>

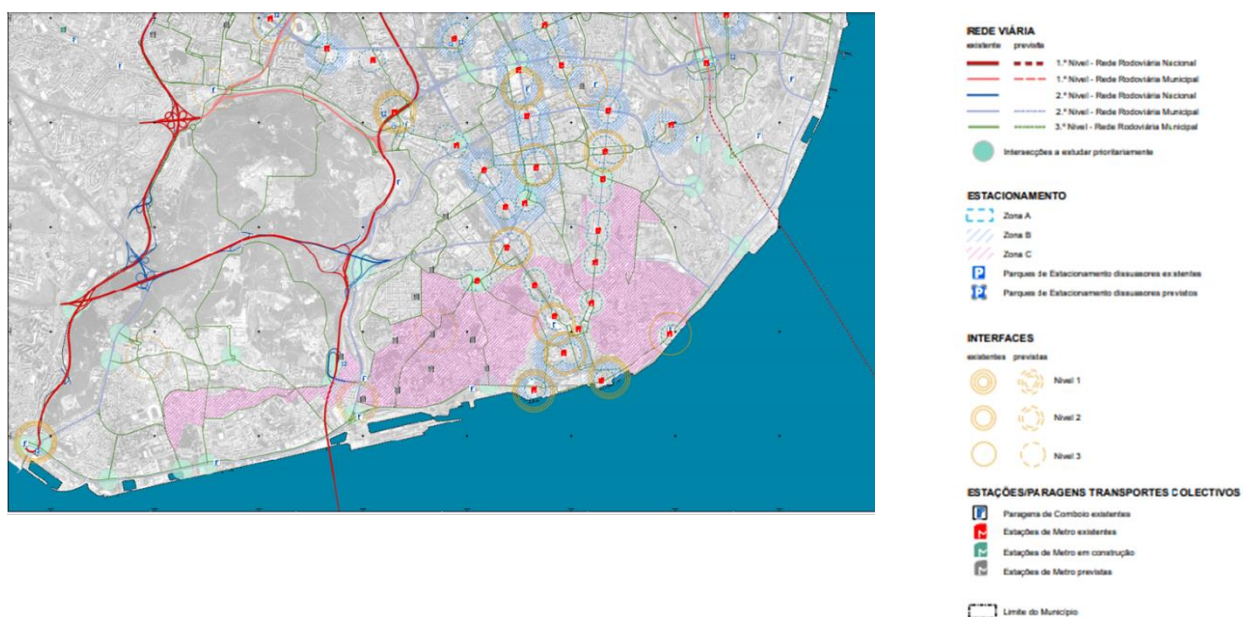


Acessibilidades e Transportes

Na planta a baixo representada temos a percepção da mobilidade e da rede de transportes, onde podemos concluir que se integra na zona de estacionamento C, que segundo o PDM «zonas da cidade com tecidos urbanos muito consolidados que, apesar de não estarem na área de influência directa da oferta de transporte colectivo estruturante, apresentam, no entanto, fortes restrições ao nível do espaço disponível para a criação de estacionamento;» (PDM, 2012:69)



Mapa acessibilidades e transportes, disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt>



Diagnóstico

A caracterização do local foi estudada e apresentada no ponto 3.4 *Morfologia e caracterização do local*, o passo seguinte vem em género de síntese, mostrando alguns pontos acima referidos, mas com base na minha percepção do espaço, todos eles estão na base do estudo para a execução da proposta, ou seja, estes tópicos vêm complementar o estudo acima referido, mas aqui apresentados como ponto de partida para a proposta.

Apresentado os pontos-chave, são eles a circulação/acessos, habitação, equipamento, espaços urbanos idênticos.

Circulação/Acessos

No local a circulação pode ser automóvel, ou a pé. Para a circulação automóvel existe um corte evidente, não tendo um acesso directo ao local, para chegar ao local a pé a sua acessibilidade é integral, podendo ter-se acesso a partir de toda a envolvente. Em termos de transportes públicos e exclusivamente autocarro com vários pontos possíveis.



■ Acesso Automóvel ■ Acesso pedonal ■ Pontos de transportes públicos

Caracterização da envolvente

O espaço envolvente é principalmente caracterizado por habitação, habitação essa, cujas principais características são bairros de vivendas, que por sua vez estão ladeados por prédios de 3 ou mais andares. Mas ao alargar o raio circundante a sua primordial acção é turística ocupando grande parte do território envolvente mais a sul de Belém. Podemos ainda perceber o carácter desportivo muito próximo do local com o Estádio do Futebol Clube Belenenses. Espaços de lazer e equipamentos culturais são também apresentados como o Museu da Etnologia.



■ Museu Etnologia ■ Estádio Belenenses ■ Zona turística □ Habitação

A imagem seguinte expõe, como esta área contém alguns vazios, que devido a sua localização e escala, apresentam uma enorme variedade de possibilidades, passando em revista alguns deles percebemos que todos são vazios não edificadas, igualmente caracterizados como o local da proposta, percebendo ainda que esses vazios são mais notáveis a norte mais distantes da zona turística que esta melhor aproveitada.. Entendendo assim que esta área tem algumas falhas na sua malha urbana, que nos mostra a problemática acima referida.



Imagem representativa de vazios na zona, da autoria de Iolanda Rocha com base em imagem do Google disponível em www.google.com

No quadro síntese seguinte iremos proceder a uma identificação de estes locais com imagem e identificação do local e as suas características. Como espaços urbanos desocupados de qualquer função ou edificação, são assim de fácil identificação, sendo espaços efectivamente sem uso, sem qualquer ocupação e onde o termo vazio faz ainda mais sentido, isto é, vazio de usos, mas também vazio de matéria. A escolha destes locais são as suas características idênticas ao local, mas referindo que todos os outros tipos de vazios, acarretam também uma importância na problemática.

Referindo que espaços positivos/cheios correspondem a espaços dinâmicos e abertos, correspondem a mobilidade seja automóvel, pedonal, ou ciclo vias, como por exemplo ruas, o espaço positivo estático pertencem a espaços de estar, como jardins e praças. Sendo então estes vazios desocupados o espaço negativo/vazio.

identificação

planta

foto

características

A



Local sem qualquer uso, ou edificação, espaço aberto, com acesso pedonal ciclável e automóvel indirecto. Em zona habitacional.

B



Local sem qualquer uso, ou edificação, espaço aberto, com acesso pedonal ciclável e automóvel, espaço totalmente descoberto. Em zona habitacional.

C



Local sem qualquer uso, ou edificação, espaço aberto, com acesso pedonal ciclável e automóvel, espaço totalmente descoberto. Em zona habitacional.

D



Local sem qualquer uso, ou edificação, espaço aberto, com acesso pedonal ciclável e automóvel, espaço ladeado com o cemitério da Ajuda. Em zona habitacional.

E



Local sem qualquer uso, com alguma edificação, com acesso pedonal ciclável e automóvel indirecto. Em zona habitacional.

F



Local sem qualquer uso, ou edificação, espaço aberto, com acesso pedonal ciclável e automóvel, espaço totalmente descoberto. Em zona habitacional.

G



Local sem uso, espaço aberto, com acesso pedonal ciclável e automóvel limitado, espaço totalmente descoberto. Zona frente de rio.

Quadro ilustrativo de espaços vazios urbanos desocupados, autoria Iolanda Rocha com imagens disponíveis no Google Maps

Com este quadro síntese podemos compreender que estes locais tem características semelhantes entre eles, como sendo espaços abertos, em que na sua maioria não tem qualquer edificado á excepção do E, e do G. Estão inseridos em espaços preferencialmente habitacionais, com excepção do G que está inserido num espaço de frente ribeirinha directamente ligado ao rio. Em termos de morfologia todos estes espaços, á excepção do local de intervenção, A, são terrenos planos sem qualquer desnível.

Integrados numa malha urbana densificada e consolidada, estes espaço têm possibilidade de criar uma dinâmica nas áreas envolventes, em que alguns podem ser pensados com a possibilidade de espaços de habitação, mas que, a meu ver todos estes espaços são oportunidades para recintos de lazer como jardins e praças, ou equipamentos para dinamizar a zona.

Em conclusão desta análise mais pessoal de toda a envolvente ao local da proposta vamos então seguir com os aspectos que fazem parte da estratégia para resolver as problemáticas. Descrever então um “programa”, e em que medida cada ponto foi pensado como estratégia.

4. Proposta

Como conclusão de todo o estudo propõe-se um projecto como estratégia para resolução de uma problemática relacionada com o *vazio urbano*. O local está inserido numa malha urbana densa, algo desordenada, e sem qualquer edificado. Este projecto propõe a relação entre a malha possibilitando uma maior mobilidade, e a necessidades de oferecer áreas de desenvolvimento de actividades num espaço público de qualidade, dando uma nova oportunidade ao local que hoje é visto como uma área obsoleta e sem utilidade, como de resto são qualificados os vazios urbanos, como anteriormente podemos perceber.

Com este projecto podemos perceber quais as melhores estratégias em relação a criação do espaço público abrangendo também o tema da requalificação urbana, para além do *vazio urbano*, percebendo que os dois temas têm uma relação bastante estreita e estão interligados, sendo um a estratégia para a resolução do outro, resumindo a problemática.

Para tal, o projecto divide-se em três partes, que são as seguintes: numa primeira fase a percepção do local das suas memórias mais longínquas, num contexto histórico, de seguida as sua memórias mais próximas baseado num depoimento pessoal de alguém que vive e viveu neste local, e por fim o meu próprio depoimento para uma memória mais presente.

A segunda fase trata de casos de estudo retirados e estudados a partir do *European Prize for Urban Space*, pois esse é o objectivo da proposta, criar um espaço público de qualidade que apele às relações entre gerações, um espaço caracterizado por vários espaços, criando várias zonas. Em que o primeiro caso de estudo, a Plaza Tetuan, em Santader, Espanha, ajudou no estudo da criação de zonas diversificadas, mas ainda assim sem barreiras físicas, de maneira a que todo o espaço no geral pudesse interligar-se entre si, ainda que essas várias áreas estivessem demarcada.

No segundo caso, a San Martin de La Mar Square, também em Espanha, a sua escolha recaem nas suas características físicas, pois denota-se o desnível e a preocupação com as varias cotas, idêntico ao terreno a estudar, e aqui fundamentalmente pela sua proximidade ao rio, ainda que no terreno da proposta não tão evidente, mas essa ligação está inerente ao local, em determinado ponto a vista, a presença do rio é uma evidencia. Este segundo caso tem também a distinção de varias áreas, como lazer com o anfiteatro, e áreas de actividades lúdicas como o espaço de parque infantil.

4.1 Plaza Tetuan, Santader, Espanha

Este caso de estudo remonta a objectivos e estratégias a serem aludidas na proposta final, ou seja, a sua solução passa por resolver algumas problemáticas que são compatíveis com o local da proposta, onde a mais significativa é o vencer de um desnível. Entre outros aspectos que tem afinidades com local escolhido e a sua envolvente é também semelhante, uma vez que as duas localizações são envolvidas por uma malha urbana consolidada, inserindo-se num espaço preferencialmente habitacional, e a sua solução passa pela criação de um espaço público de actividades, de modo a facilitar a interacção dos habitantes e de novos utilizadores, sendo esse um dos objectivos da proposta final.

Uma das preocupações da proposta passava pela acessibilidade e garantir que se enquadrava nos padrões exigidos. Esse aspecto foi assegurado por declives dentro da margem dos 6%, onde um dos objectivo era evitar rampas com corrimões de maneira a criar um espaço amplo sem “cortes”. Os materiais utilizados no pavimento, também eles pensados em prol da segurança, onde podemos observar o assumir de diferentes cores e texturas, dando a entender que no espaço infantil, o pavimento diverge, sendo próprio para o respectivo uso, áreas verdes onde a relva desempenha esse papel.

O espaço apresenta uma clara divisão de espaços, mas sem uma separação física, marcada através de pavimento ou demarcada por círculos, mantendo o espaço “fechado” e “circunscrito”. Apresentando três espaços visivelmente demarcados, zona de actividades com o espaço infantil, mas a uma escala que proporciona a interacção adulto/criança, espaços de lazer ou “simplesmente estar”, com mobiliário urbano na sua demarcação, e por fim, zona reservada a equipamento com as esplanadas.

Em seguida a apresentam-se os painéis da proposta disponíveis no site do *European Prize for Urban Public Space*.



Plaza Tetuan, Santader, Espanha, www.pblicspace.org

PLAZA TETUAN
Entre valles y cráteres
Héctor Navarro / ARKHITEKTON

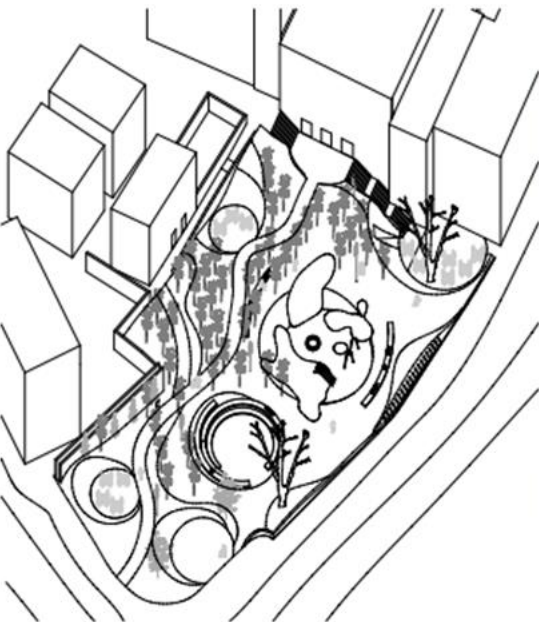
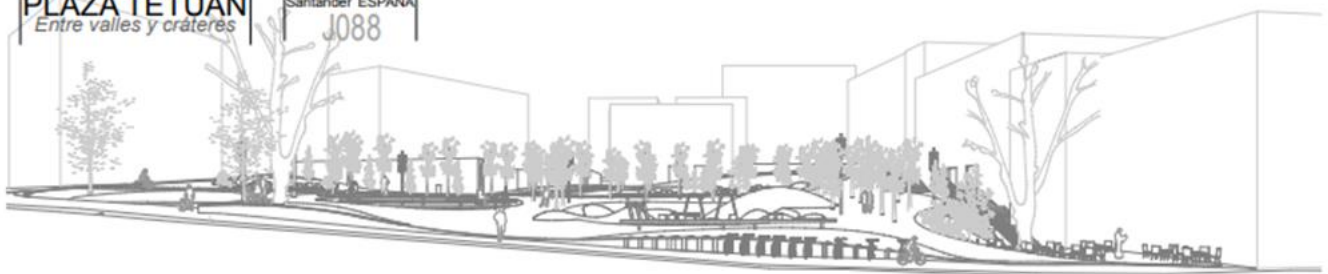
Santander ESPAÑA
J088



Painel 2 Plaza Tetuan, Santander, Espanha, disponível em, www.publicspace.org

PLAZA TETUAN
Entre valles y cráteres

Santander ESPAÑA
J088



Painel 3 Plaza Tetuan, Santander, Espanha, disponível em, www.publicspace.org

4.2 San Martin de La Mar Square

Outro dos casos de estudo escolhido, prende-se com as semelhanças físicas do terreno de implantação uma vez que tem de vencer diversas cotas. Outro aspecto é a sua proximidade com o elemento água, ainda que o local da proposta não tenha uma contiguidade tão acentuada. Ainda assim é uma zona que tem uma relação estreita com o rio e é elemento característico da zona.

Mesmo assim a partir do sistema de vistas podemos ter uma espécie de miradouro para o rio Tejo uma vez que o local pela sua localização nos proporciona uma vista para aquela massa de água. Complementado com a estratégia no caso de estudo acima referido, estamos na presença de um local de lazer e de contemplação da vista do local, podendo ser uma das estratégias a adoptar para a proposta final.

A proposta apela a actividades culturais, como concertos, apresentações teatrais entre outras, para dinamizar o local, dando-lhe um uso e apelar a relação entre a população. Verificando-se assim a intensão de fazer deles, um local de interesse cultural.

O desnível é vencido por vários patamares, que se apresentam na forma de “degraus” que têm dupla funcionalidade, como assento e degrau, a implementação da vegetação vem por parte do pavimento que revestido de relva, e algumas árvores estrategicamente colocadas.

Para além deste espaço, mais voltado para um aspecto cultural e de actividades pontuais actividades, existe ainda uma área infantil, para uma utilização diária, assim como o aspecto de lazer e simples contemplação da vista.

Para a proposta final este caso de estudo ajudou na percepção das várias actividades possíveis e em variados e diferentes tempos, e que o espaço pode ter sim mais que a função simples, de mero lazer e contemplação da área envolvente.



Painel 1 San Martin, Espanha, disponível em www.spacepublic.org



Painel 2, San Martin, Espanha, disponível em www.publicspace.org

san martin de la mar square
landscape recovery by transforming a forgotten,
unstructured and disused public space at santander
03 European Prize for Urban Public Space 2016
zigzag arquitectura bernardo angelini & david casino

J004



Evaluation

The new Plaza de San Martín de la Mar has succeeded in recovering the privileged location that this urban enclave used to have in the city of Santander. It generates a visual opening between the highest buildings and a place for the citizens who come from Plaza Victoria Avenue or from the Bay to sit, stop and rest. Its new condition of urban watchtower allows the visitor to enjoy exceptional views to the south and incorporates the images of the bay and of the skyline of the city. Its new configuration as a headland and the new horizontal profile of the trees and vegetation provide not only an ideal capture of the light but also a visual escape.

The paving materials used produce an echo of the fishing nets which, spread on the ground, were continuously being repaired by the net menders, a craft which has now disappeared. The new nets now capture spaces and guide visitors along the paths to find places to go for a walk, sit in the sun, stop to have a drink or view the scenery. Besides these everyday situations, music, dance and magic shows as well as other events are organized.

The layout of the stands allows the meeting of diverse groups of people and a greater accumulation of public during the events. The citizens' acceptance has been optimal and the new plans have been subject to very little controversy. The initiatives are supposed to rediscover a place which had disappeared and enjoy having a view of the maritime landscape. Children now have a place especially designed for them and the topography created has also resulted in an excellent playing device which allows them to climb and jump on the stands.



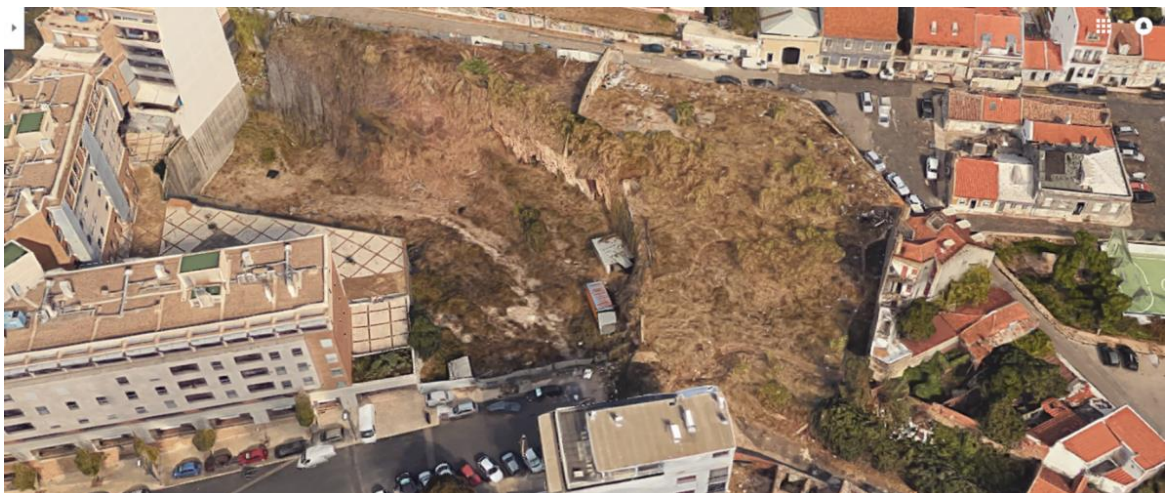
Painel 3 San Martin, Espanha, disponível em www.spacepublic.org

4.3 O local

Situado numa das zonas mais turísticas de cidade de Lisboa, Belém, como referido anteriormente, este local enquadrou-se nas características definidoras da área no contexto histórico, passando de um local completamente virgem, a um local de quintas e agricultura, a seguidamente com a evolução, a um local preferencialmente edificado e habitacional.

A área de implantação, propriamente dita é um local que poucas alterações foi sofrendo, sendo sempre apresentado com estas características, sendo permanentemente um vazio, sem qualquer função, que foi estando esquecido e deixando-se sempre cair qualquer ideia que se lhe associasse. Um local apetecível pela sua localização, mas que não atingir sucesso para a realização de qualquer intervenção.

A sua principal característica é o desnível, estamos a falar de uma diferença de 10 metros, acabando este por construir o principal desafio. De resto é uma área com vegetação rasteira, sem quaisquer árvores, um local amplo e descampado. Ladeado por um condomínio habitacional a Poente, e um pouco mais desafogado a Nascente.



Fotos do local, by Iolanda Rocha e Google maps, disponível em [Google.com/maps](https://www.google.com/maps)

4.4 Objectivos da estratégia urbana

Tendo em conta o estudo realizado ao local, através de informação oficial, como o PMD e plantas fornecidas pela CML, e com a investigação pessoal através de depoimentos de habitantes e da própria perspectiva do local, resultado de trabalho de campo, a estratégia a ser seguida passa pela concretização dos seguintes pontos:

- Restruturação do terreno, ou seja a reestruturação ao nível das curvas de nível existente para melhorar a mobilidade, o acesso ao local, melhorando e ligando as ruas de acesso pedonal, tendo sempre em atenção as directrizes da circulação de pessoas com mobilidade reduzida prepondo-se, para tal a criação de rampas que conforme as norma não ultrapassa os 8% de inclinação, e a preocupação do parque ter acesso, para uma circulação total.

- Criação de um espaço público, como espaço de interesse para a comunidade e também para proporcionar ao local uma outra dinâmica e a criação de uma relação entre a comunidade como espaço de *estar e de actividades*, além do que como o local se encontra inserido numa área da cidade eminentemente turística criando ainda uma relação entre residentes e visitantes. Em termos de desenho urbano este espaço público vem interligar a sua malha, eliminando assim quebras e cortes que existentes no local.

- Concepção de espaços verdes, seguindo o mesmo princípio de oferecer um novo ânimo e bem-estar a população, a criação deste espaço vem conceder á área um local verde numa envolvente principalmente edificada, criando um ponto de atracção.

- Criação de um novo equipamento de apoio ao espaço, como exemplo um espaço de restauração,

- Apelo a memória do local através de elementos de vegetação, como árvores de fruto, para invocar as memórias das quintas existentes no local num passado, reavivando a memória dos habitantes mais antigos e mostrando aos presentes e visitantes um pouco do que foi o local e a sua história.

- A inserção do elemento água como componente ecossistémico do parque, a pontando para resolução de problemáticas ecológicas e sustentáveis, como a rega e preservação do espaço verde, e também como ajuda na gestão do sistema de drenagem e retenção de águas pluviais. E aqui apelando também á memoria, num dos seus pontos históricos: a inigualável ligação a frente ribeirinha e ao rio.

A principal dificuldade prende-se com a acentuada diferença de cotas que existe no local onde a sua diferença chega a atingir um máximo de 10 metros de diferença. E para tal foram criadas níveis intermédios para vencer esse desnível, criando-se assim cotas que cobram esse desnível num máximo de 5 metros, em que os restantes variam entre os 1 e 3 metros, estas últimas assumem ainda a função de degraus/bancos.

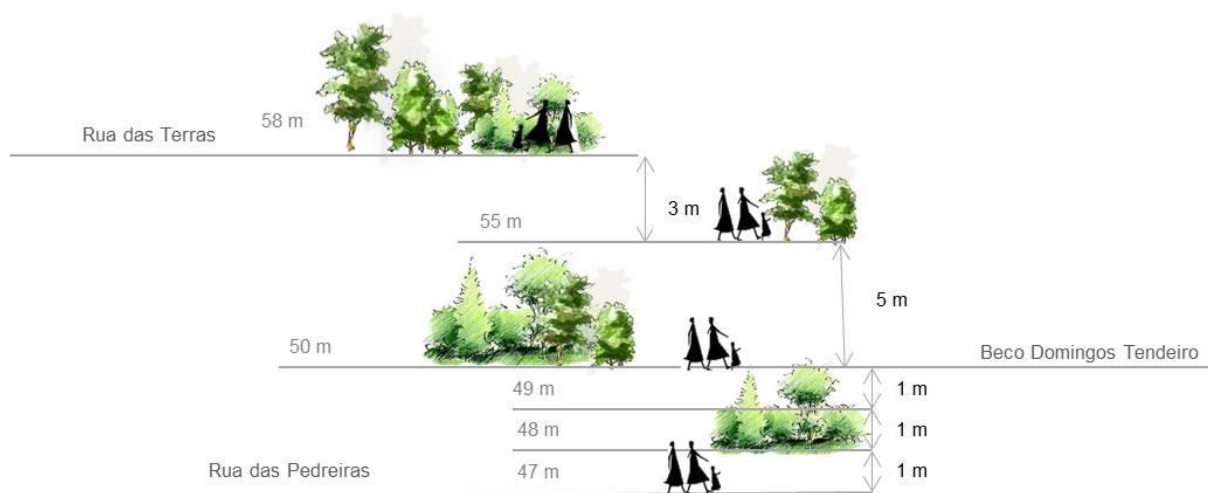


Diagrama de cotas produzido por Iolanda Rocha

Os acessos ao parque fazem-se pela Rua das Terras ponto mais elevado do local, num ponto intermédio, e segundo estudo de campo o mais utilizado diariamente pelo seu acesso rápido a rua “principal” (Rua das Pedreiras), esse acesso é feito através do Beco Domingos Tendeiro, este é também o mais inconsistente hoje em dia, sem uma rua definida quase como um caminho secundário, sendo que, dos objectivos da proposta é desenvolver uma melhoria do respectivo desenho urbano em a definição desta rua esta inserida no objectivo. Por ultimo o acesso pela Rua das Pedreiras, que se insere na rua “principal” e talvez o acesso mais utilizado por visitantes sendo que os demais encontram-se inseridos na zona mais habitacional e de ruas menos transitadas.

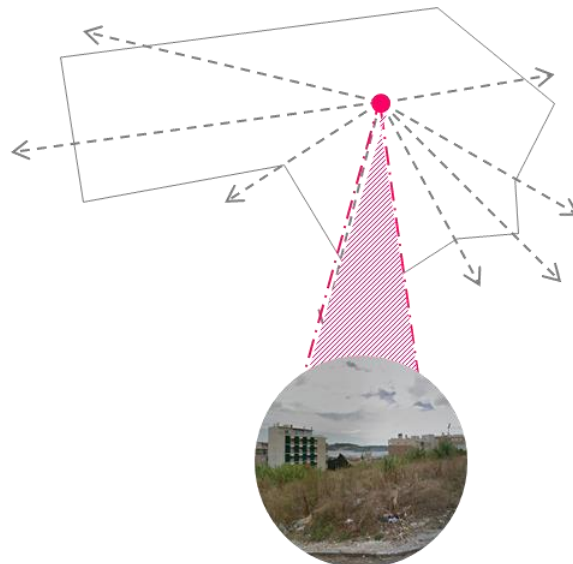


Diagrama de divisão dos espaços, produzido por Iolanda Rocha

O desenvolvimento do desenho do parque é feito a partir, do ponto central do terreno, ou seja, o ponto escolhido foi o centro geográfico do terreno que coincide com o ponto de vista para o rio e no qual melhor se consegue contemplá-lo desde o local. A partir daí foi a junção dos vários “caminhos” até pontos externos, e assim surgem as várias áreas e a separação do espaço de maneira a criar caracterizações várias, e que cada uma destas circunferências tem o seu próprio uso destinado

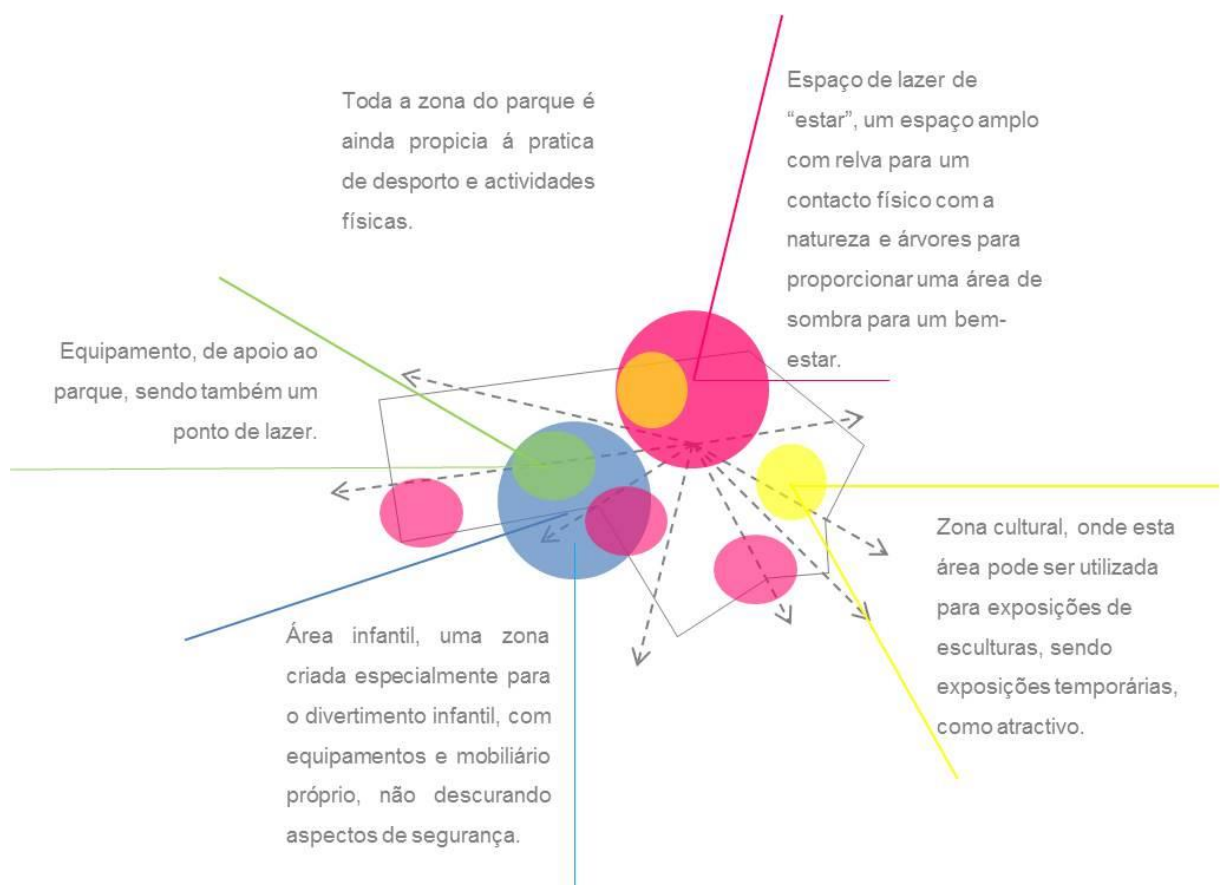


Diagrama de usos, produzido por Iolanda Rocha

A criação de espaços verdes e de interacção com elementos materiais da natureza são um dos objectivos da proposta, esta relação da pessoa/individuo com a natureza, a vê-se a nível físico com espaço de relva que as pessoas podem ter como espaço de lazer, ou até actividades desportivas, mas principalmente uma área a ser usada como um todo sem ser restrito apenas a espaços de circulação.

Estes espaços verdes para além do relvado contem, os elementos verdes são como as árvores, tendo estas um papel importante, pois proporcionam áreas de sombra, áreas mais protegidas de aspectos metrológicos, e assim assegurar o bem-estar dos habitantes e visitantes. O porte destas árvores varia entre o médio e pequeno na sua maioria, por motivos de escala de modo a deixar o local “respirar”, a excepção da área mais a Poente que esta mais próximo do edificado habitacional que envolve o local, para facilitar a privacidade dos seus habitantes. Entre elas algumas oliveiras, para apelar a memória das antigas quintas características do local, esta escolha recai sobre a sua resistência, uma vez que árvores mais delicadas não são tão apropriadas para o local que se pretende de uso intensivo e frequente.

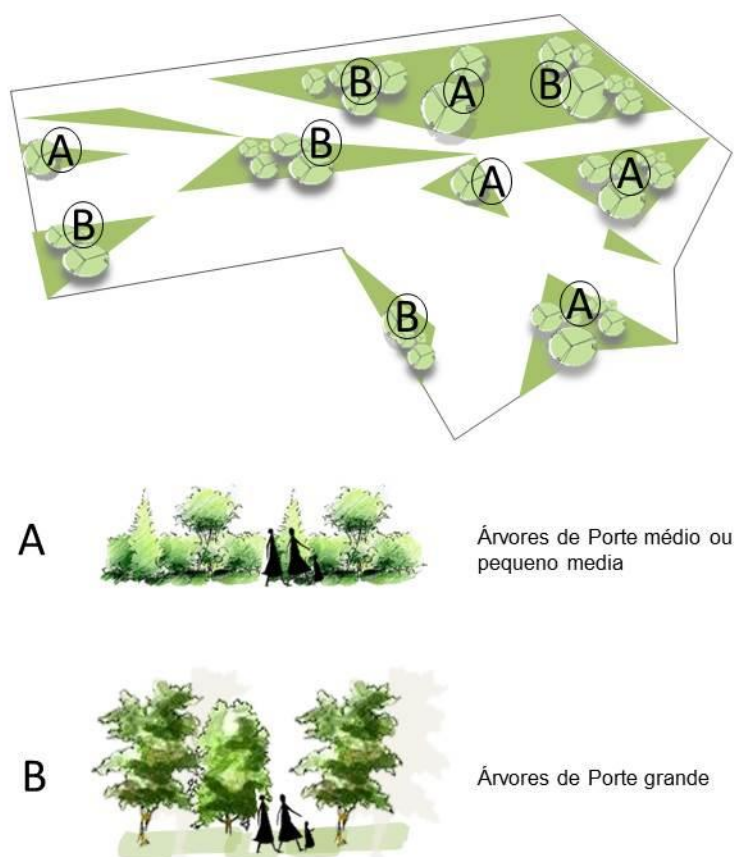


Diagrama espaços verdes e vegetação, produzido por Iolanda Rocha

O elemento água acarreta em si dois aspectos fundamentais. O primeiro trata-se do aspecto ecológico: a água proporciona aqui a manutenção de toda a área verde, assegurando a rega de todo o parque, através da sua reutilização, gestão do sistema de recolha de águas pluviais.

Estes pontos de água apelam também á interacção dos habitantes com este elemento, sendo espaços onde se pode beneficiar de um contanto directo com a água, pelo contacto físico. Estas áreas como o elemento água são espelhos aquáticos, uma vez que é essencial garantir a segurança e também para que a proximidade do peão seja a máxima possível.

A respectiva localização é também planeada, encontrando-se estes pontos no centro do parque, para uma posição central, e o outro ponto mais, uma vez se posiciona mais a Poente para oferecer mais privacidade aos habitantes dos edifícios envolventes ao parque, criando assim um distanciamento dos utilizadores.

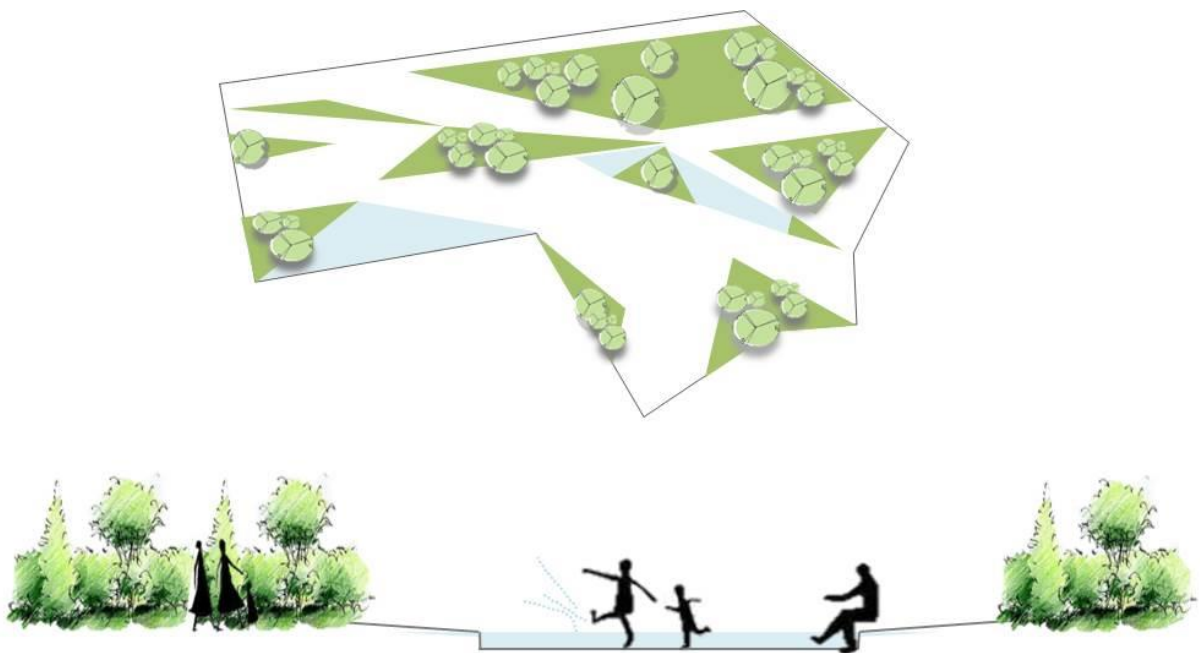
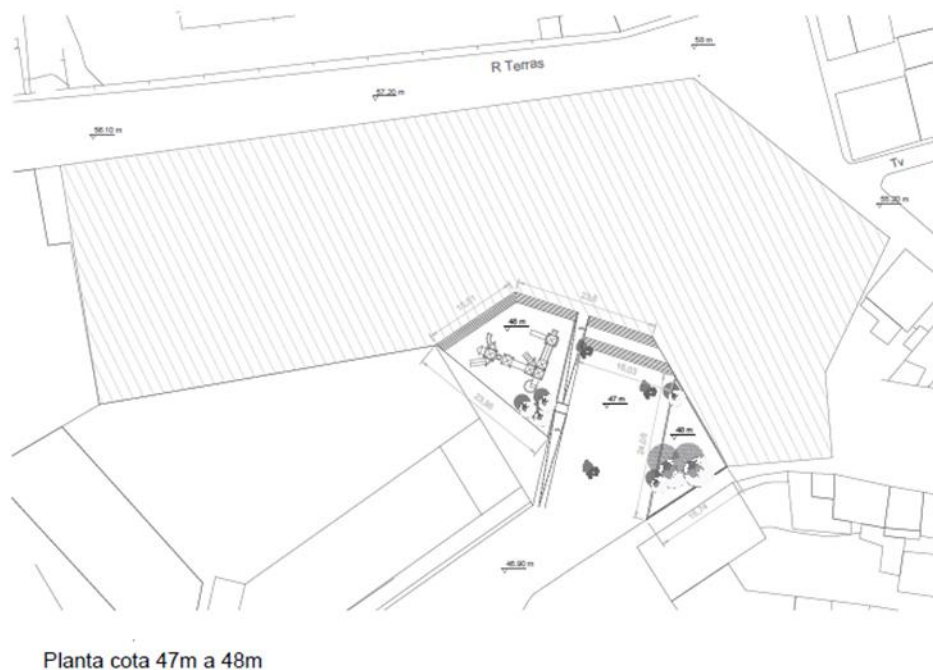
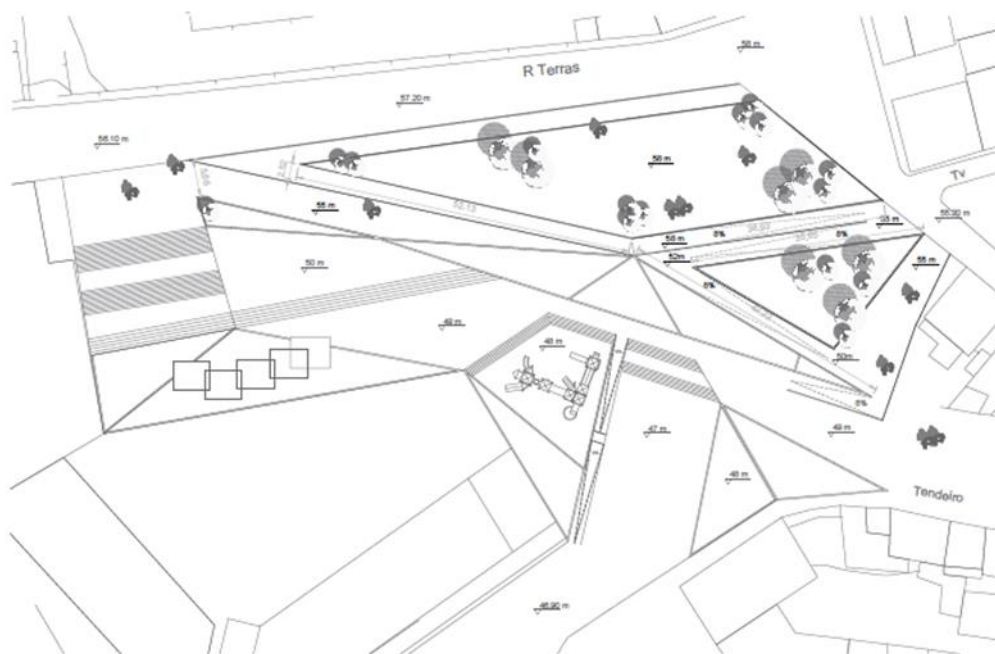


Diagrama elemento água, produzido por Iolanda Rocha

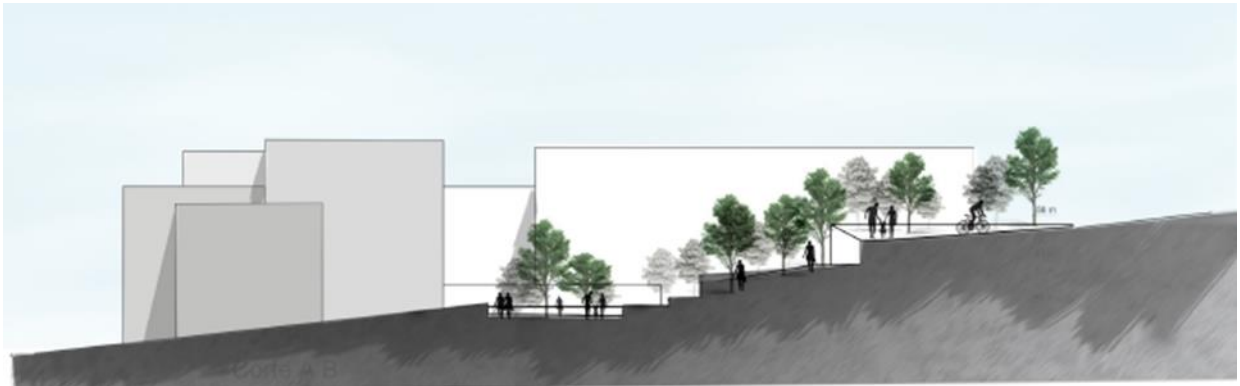


Nesta primeira planta, consideram-se representadas as cotas a 47m e 48m, onde podemos ver uma das entradas possíveis para o parque, através da Rua das Pedreiras. Esta assim representada também a área reservada ao entretenimento infantil, um parque com equipamentos adequados, ocupando um espaço próprio, para assegurar todas as necessidades ao nível da segurança, e também para ser mais “protegido” e fácil para os adultos, observarem e estarem presentes. A escadaria em volta serve também como lugar de estar para os adultos funcionando como “bancos”, ou seja um local para poderem estar enquanto as crianças brincam. O pavimento é em placas de borracha sendo um material indicado para estes espaços infantis. As acessibilidades estão garantidas através de escadas e uma rampa de acesso para pessoas com mobilidade reduzida. A vegetação surge também como elemento essencial para assegurar a protecção do sol criando locais de sombra para usufruir do local com qualidade.



Planta cota 55m a 58m

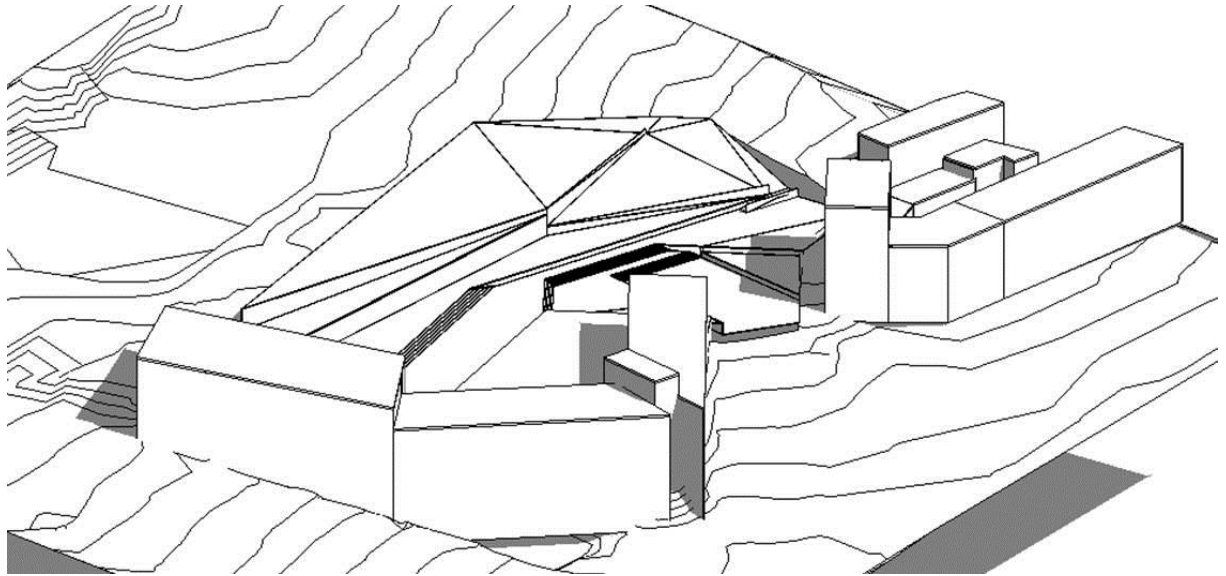
Por fim a planta representativa das cotas 55m e 58m, uma vez mais a representação do acesso ao parque através da Rua das Terras, esta é uma área mais reservada a uma zona de estar, de passeio, onde existem caminhos definidos, aqui a vegetação ganha outra importância pois sendo um local de maior permanência a preocupação com espaços de sombra foi maior.



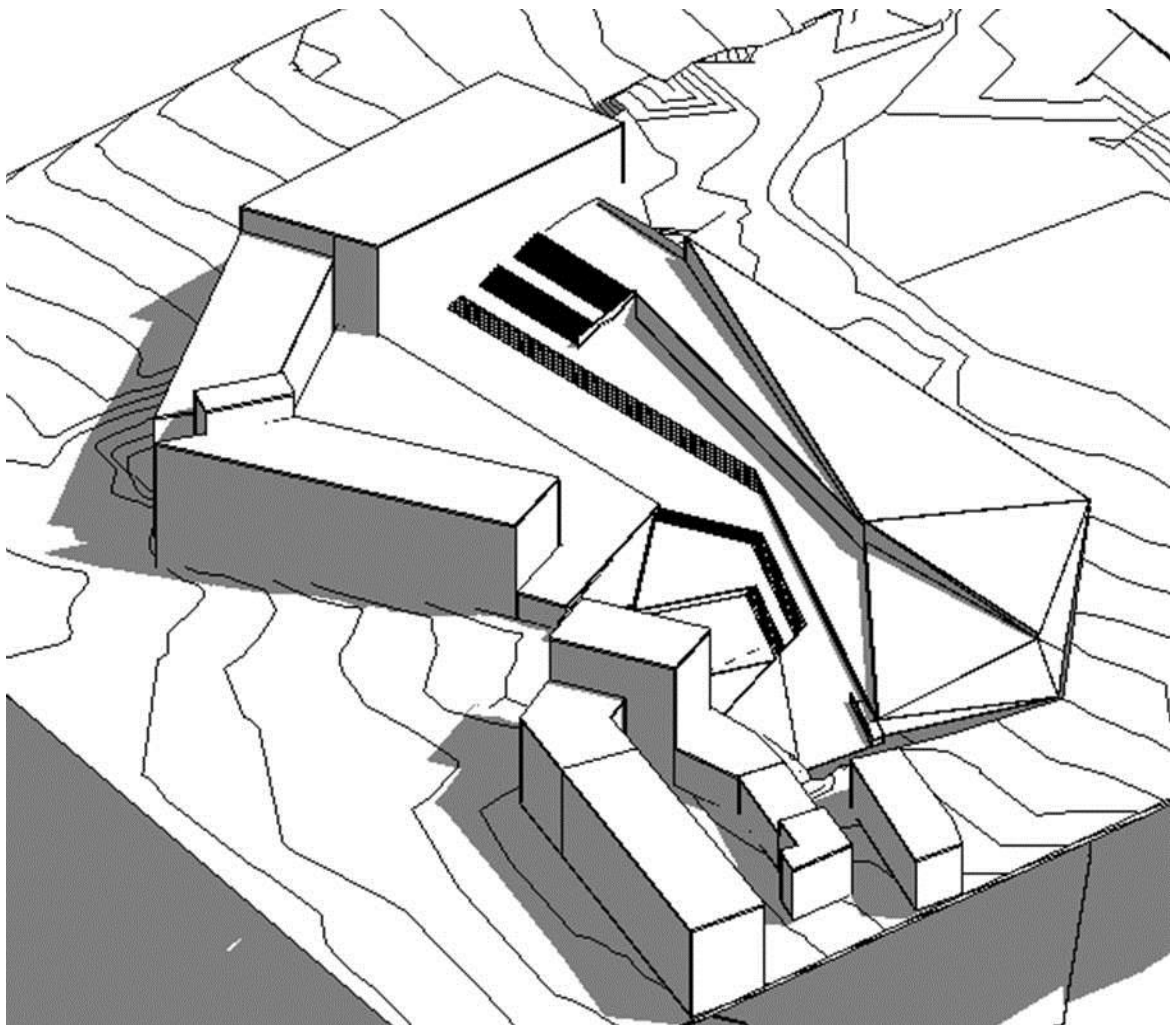
Corte Oeste



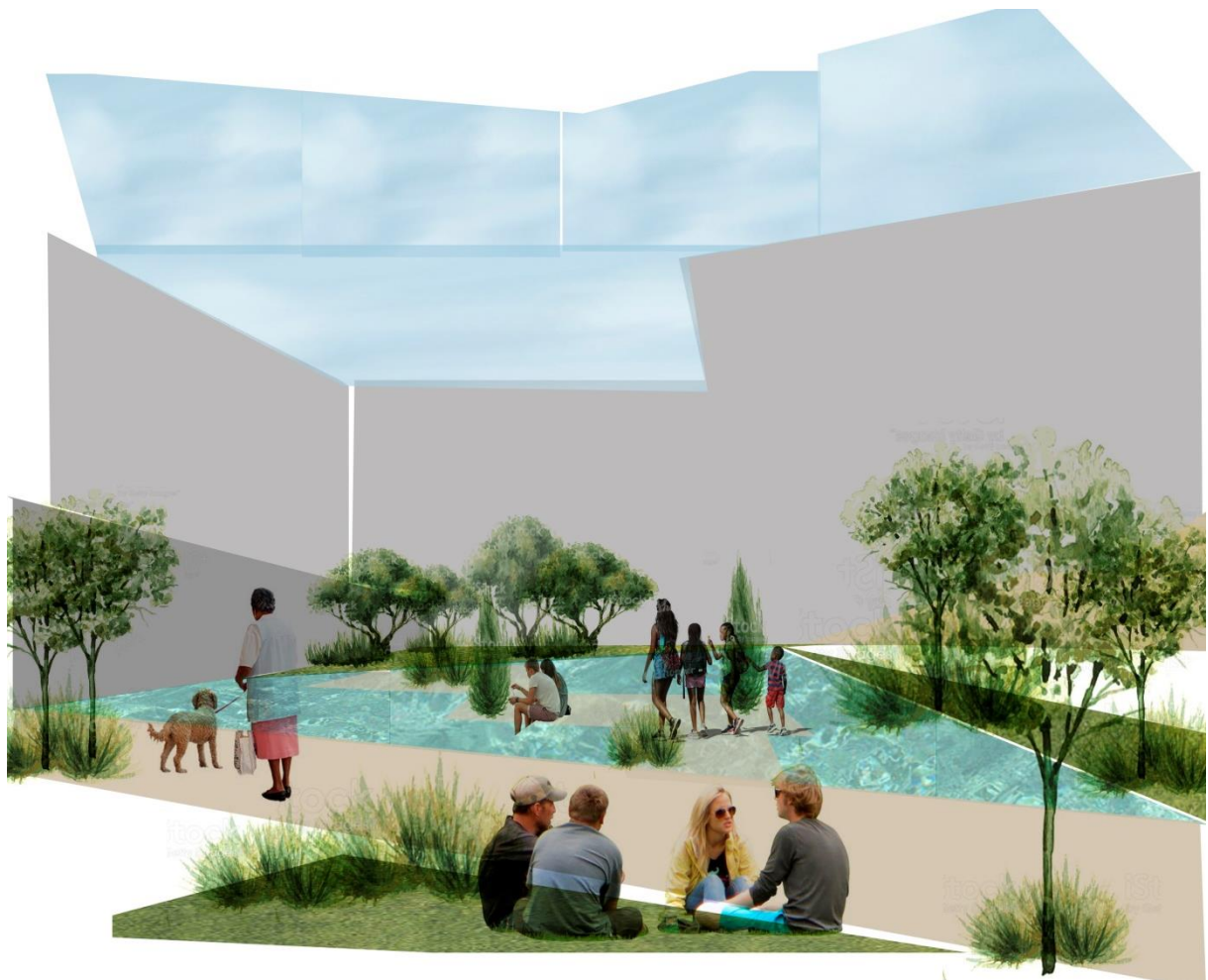
Corte Este



Modelo 3D



Modelo 3D



Perspectiva 1



Perspectiva 2

6. Considerações finais

Como conclusão ao estudo acima proposto compreende-se então que, um espaço devoluto, um vazio urbano, tem a capacidade de gerar oportunidades na malha urbana de uma cidade em que esse aspecto acarreta agora uma importância, ou seja, tem a capacidade de fragmentar e descontinuar o seu desenho. Mas da mesma maneira que carregam uma carga negativo o que podemos comprovar é que tem também em si um instrumento impulsionador na revitalização da sua malha. Se anteriormente eram vistos como um “doença” na cidade, agora através de estratégias de requalificação, transforma-se em áreas que ligam a malha urbana que possibilitam espaços públicos e assim promover uma nova dinâmica na cidade.

Relativamente ao espaço público o seu conceito apresenta mudanças na respectiva concepção da cidade contemporânea, ou seja, é elemento representativo, e físico na cidade, tendo um factor em comum com o seu conceito anteriormente, tendo sempre uma importância social, no sentido e se constituir como ferramenta para uma melhoria das relações sociais dos habitantes/visitantes com o espaço efectivamente público cidade. Sendo sempre responsável pela alteração da cidade, num conjunto de aspectos como:

- Aspecto morfológico;
- Aspecto visual de perspectiva/pontos de vista;
- Aspecto de vivências e usos;
- Aspecto social e cultural;
- Aspecto económica e legal.

Todos estes aspectos são da responsabilidade, dos espaços urbanos independentemente do tempo da sua ocupação e do seu estilo, Sendo a arquitectura uma ferramenta para a ajuda do desenvolvimento destes espaços, ou seja sendo a arquitectura responsável pelo acto de habitar, tem em si as ferramentas ideias para transformar um espaço vazio, obsoleto, num local possível de receber usos capaz de contemplar todos aqueles aspectos, Cabe ao arquitecto desenhar e pensar, compreendendo e interpretando o potencial destes vazios, E assim, com este trabalho académico foi possível compreender e interpretar este potencial com a proposta para um lugar específico, estudando as problemática existentes e criando estratégias de maneira a resolver as exigências do local e enaltecendo as suas potencialidades.

O aspecto do verde nestes espaços urbanos tem representação na paisagem urbana, sendo um meio para a dinâmica e relação da cidade com a natureza, consolidando esta a relação ser humano/ecossistema.

Em suma a requalificação urbana é apresentada como estratégia para a resolução de uma problemática identificada como *vazio urbano*, e que é possível conceder a estes espaços um propósito um uso, não tendo em si uma negatividade e um sentimento de rejeição. Estes espaços têm o direito de serem parte integrante da malha urbana. Se tal não for proporcionado, a oportunidade destes espaços acabam esquecidos e com um futuro incerto.

Bibliografia

AGUIAR, Douglas & NETTO (2012). Vinicius, *Urbanidades*, Folio Digital: Letra e Imagem, Rio de Janeiro.

ARAÚJO, Catarina, MARVILA: habitar através dos vazios urbanos, 2016. Tese de mestrado faculdade de arquitectura de Lisboa

BORJA, Jordi., & MUXI, Zaida. (2003). *El espacio público, ciudad y ciudadanía*. Electa, Barcelona.

BRANDÃO, Pedro., CARRELO, Á. (2002). *O chão da Cidade – Guia de avaliação do Design de Espaço Público*. Ed. CPD, Lisboa.

BRANDÃO, Pedro. (2011). *O sentido da cidade: Ensaio sobre o mito da IMAGEM como ARQUITECTURA*. Livros Horizonte, Lisboa

CARR, Stephen (1992). *Public Space*, Cambridge University Press.

CARVALHO, Jorge (2003). *Ordenar a Cidade*, Quarteto.

CHOAY, Françoise (1992). *O Urbanismo: Utopias e Realidades, uma Antologia*, Editora Perspectiva.

CHRISTOPHER, Alexander (1977). *A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction*, Oxford University Press.

COELHO, Carlos Dias (2013). *Os Elementos Urbanos*, Argumentum.

DORON, Gil M. (2000). *The Dead Zone and the Architecture of Transgression*, City 4, no. 2.

FADIGAS, Leonel. (2010). *Urbanismo e Natureza – Os desafios*. Ed. Sílabo, Lda, Lisboa.

FORTUNA, Carlos & LEITE, Rogério Proença (2009). *Plural da Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, Edições Almedina.

GEHL, Jan (2001). *Life between Buildings: Using Public Space*, Arkitektens Forlag.

JACOBS, Jane (2000). *Morte e Vida das Grandes Cidades*, Martins Fontes.

LAMAS, José M. Ressano Garcia (1993). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Fundação Calouste Gulbenkian.

- LYNCH, Kevin (2005). *Echar a perder: un análisis del deterioro*, Barcelona, Gustavo Gili.
- MAGALHÃES, Sérgio Ferraz (2007). *A Cidade na Incerteza: Ruptura e Contigüidade em Urbanismo*, Viana Mosley.
- MANSO, A. (2001). *Espaços Exteriores Urbanos Sustentáveis – Guia de Conceção Ambiental. Intervenção Operacional Renovação Urbana*, Lisboa.
- MENEGUELLO, Cristina (2009) *Espaços e Vazios Urbanos, Plural da Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, Edições Almedina.
- MORGADO, Sofia (2005). *Lisboa, um Território em Formação*, Caleidoscópio, Lisboa.
- PALLASMA, Juani, (2012) *Os olhos da pele: arquitectura e os sentidos*, editora bookman, 2ª Edição.
- ROSA, Fábio Paulo Domingos, *A requalificação Urbana e o Espaço Público, Uma proposta para a zona de Campolide*, Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa, 2017.
- ROSSI, Aldo (1977). *A Arquitectura da Cidade*, Cosmos.
- SALGADO, Manuel. (2000). *Espaços Públicos*. Fundação Banco Comercial Português, Lisboa.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi (2002). *Territórios*, Gustavo Gili, Barcelona.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi. (2010). *The Impossible Project of Public Space*. In: ANGLÈS, M. (e.d.). In *Favour of Public Space – Ten Years of the European Prize for Public Space*. Centre de Cultura Contemporània de Barcelona and ACTAR, Barcelona.
- SISTI, Cláudia, *Superfície Activa, Actas do Seminários Estudos Urbanos: Vazios Úteis*, ISCTE, 2007.
- TÁVORA, Fernando (1982) *Da Organização do espaço*, ed. ESBAP.
- TEIXEIRA, José, *A construção do sentido na arquitectura*, são Paulo, editora perspectiva, 3ª edição, 1997
- VÁRIOS (2011). *Arquitectura, Identidad Y Patrimonio*, Santiago de Chile.
- VÁRIOS (2002). *Lisboa Capital Do Nada Marvila, 2001: Criar, Debater, Intervir No Espaço Público*, Extramuros, Associação Cultural para a Cidade.

VÁRIOS (2007) *Vazios Urbanos – Trienal da Arquitectura*, Caleidoscópio, Lisboa.

ZUCCHI, Benedict (1992). *Giancarlo De Carlo*, Butterworth Architecture.

ZUMTHOR, Peter (2009). *Peter Zumthor: Buildings and Projects 1986-2007*, Lisboa.

Documentos Online

BORDE, Andrea , *Vazios Urbanos: perspectivas contemporâneas*, tese de Doutorado, Faculdade de Arquitectura e Urbanismo, Universidade federal do Rio de Janeiro, 2006, disponível em: http://pct.capes.gov.br/teses/2006/926737_6.PDF

CML - CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. (2014) *Caderno Uma Praça em cada Bairro – Intervenções em Espaço Público*. Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/espaco-publico/uma-praca-em-cada-bairro>.

CML – CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. (2012) *Plano Diretor Municipal de Lisboa de 2012*. Lisboa. Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/plano-diretor-municipal>

FERNANDES, A.C.T.D. (2012). *Metodologias de avaliação da qualidade dos espaços públicos*. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil — Especialização em Planeamento. Porto: Departamento de Engenharia Civil, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Disponível: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/68407/1/000154929.pdf>

JANEIRO, Pedro António, “{CHEIOS INÚTEIS}”, 2007. Disponível em:

<http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1488/1/Pedro%20Janeiro.pdf>

KARYNE, Fraga Ribeiro, *Vazios Urbanos: Valorização dos espaços vazios*, Tese de Mestrado, Minas Gerais, Brazil, 2016, disponível em:

https://issuu.com/karynefraga/docs/artigo_5.docx

MENDONÇA, Adalton da Motta, *Vazios Industriais: Ensaio sobre Friches Sociales*, 2001. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.014/869>

MILHEIRO, Ana Vaz, *Um Coração Vazio Ou Cheio*, 2007. Disponível em:

<http://www.publico.pt/culturaipsilon/jornal/um-coracao-vazio-ou-cheio-217330>.

TORRES, Alexander, *Inside Out: O Interior Do Quarteirão Como Espaço Urbano*,

2012. Disponível em: <http://www.livrebooks.com.br/livros/inside-out-o-interior-do-quarteirao-como-espaco-urbano-alexander-torresosvoawaaqbaj/baixar-ebook>

VÁRIOS, *Le Carré Bleu*, Paris, Montpellier. Disponível em:

http://www.lecarrebleu.eu/PDF_INTERACOLLEZIONELCB/FRAPN02_CARR_1978_003.pdf

WIGLEY, Mark, *Void Set - Trienal de Arquitectura de Lisboa*, 2007. Disponível em: <http://trienal.blogs.sapo.pt/13385.html>

Apêndices

Planta Implantação, escala 1/1000, desenho 001

Planta, escala 1/500, desenho 002

Planta, escala 1/500, desenho 003

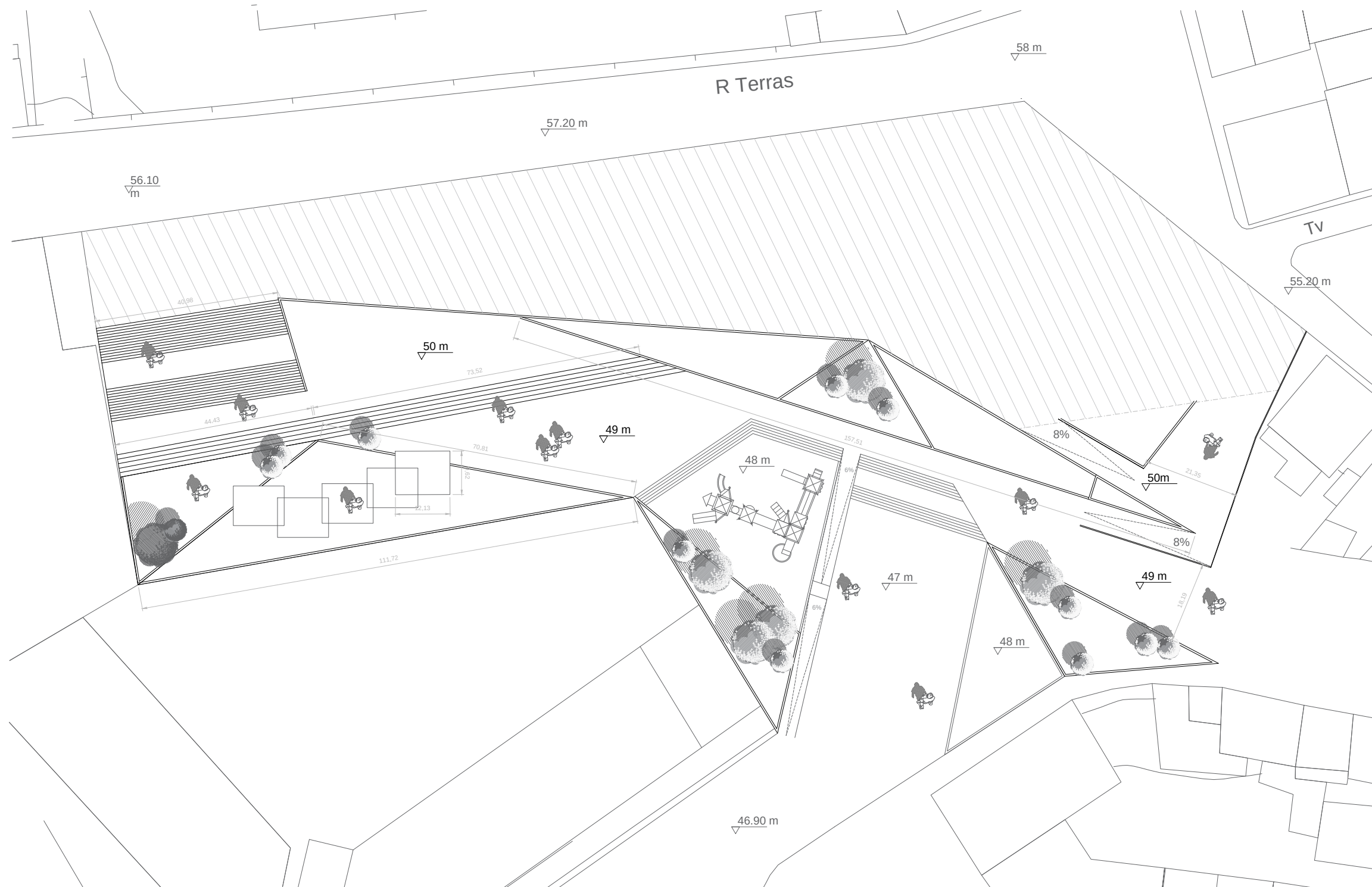
Planta, escala 1/500, desenho 004

Cortes, escala 1/500, desenho 005



Planta cota 47m a 48m

TÍTULO:	Plantas cotas 47m à 48m		Iolanda Maia Rocha
ASSUNTO:	Requalificação Urbano	ESCALA: 1/500	FOLHA: 02
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias			DATA: Julho 2018



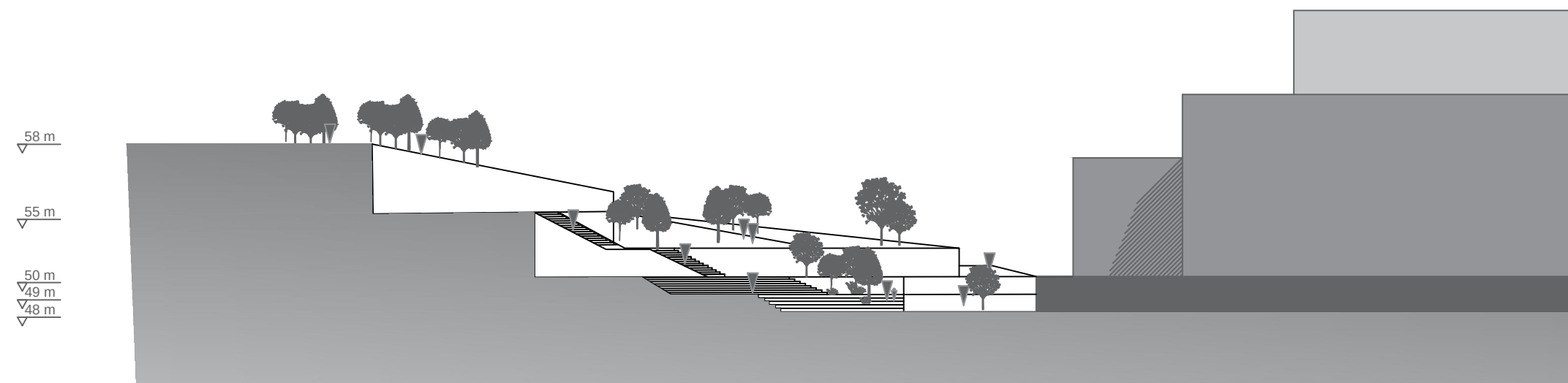
Planta cota 49m a 50m

TÍTULO:	Plantas cotas 49m à 50m	Iolanda Maia Rocha
ASSUNTO:	Requalificação Urbano	ESCALA: 1/500 FOLHA: 03
	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias	DATA: Julho 2018

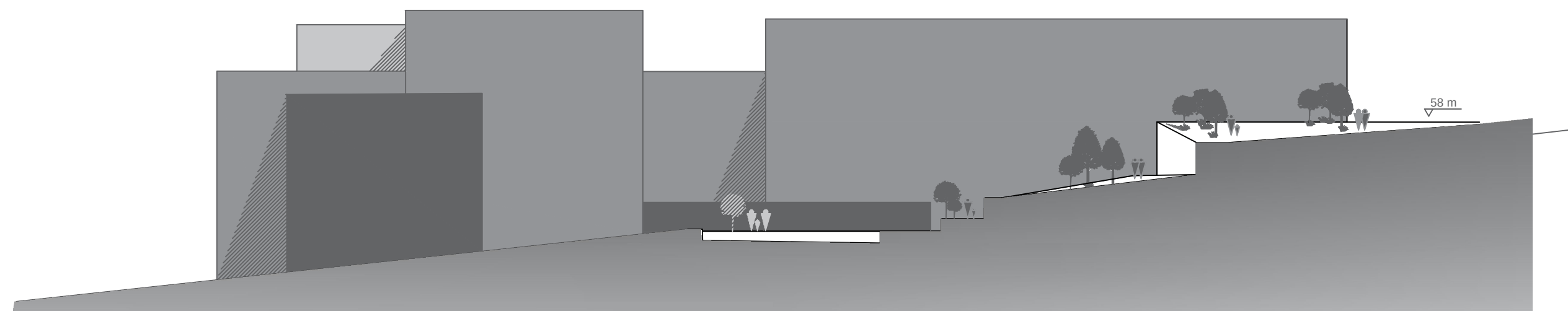


Planta cota 55m a 58m

TÍTULO:	Plantas cotas 55m à 58m	Iolanda Maia Rocha	
ASSUNTO:	Requalificação Urbano	ESCALA: 1/500	FOLHA: 03
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias			DATA: Julho 2018



Corte C D



Corte A B

TÍTULO:	Cortes		Iolanda Maia Rocha
ASSUNTO:	Requalificação Urbano	ESCALA: 1/500	FOLHA: 04
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias			DATA: Julho 2018